

JULIO ABREU FILHO

ERROS DOCTRINÁRIOS

(O Sentido do Roustainguismo)



SÃO PAULO — BRASIL

ERROS DOUTRINÁRIOS
[O Sentido do Roustainguismo]

JULIO ABREU FILHO

DE JULIO ABREU FILHO

DUAS TESES

(O Livro Espírita no Brasil e Sincretismo Religioso)
Apresentadas ao I Congresso de Unificação do Espiritismo
no Brasil

POEIRA DA ESTRADA

(Razões de uma atitude)

ERROS DOUTRINÁRIOS

[O Sentido do Roustainguismo]

1950



Rua Ezequiel Freire, 74
São Paulo — Brasil

Ao

DR. MANOEL PAULA CERDEIRA

*em agradecimento por seu
conselho e por seu exemplo.*

ÍNDICE

Advertência	11
Primeiro artigo	13
Segundo artigo	31
Terceiro artigo	47
Quarto artigo	65
Quinto artigo	86
Sexto artigo	105
Sétimo artigo (Conclusões)	123

Convertei-vos a mim, filhos apóstatas, diz o Senhor;... E vos darei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com a ciência e com a doutrina.

JEREMIAS, III: 14 e 15.

Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas;

...nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.

Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.

II PEDRO, I: 16, 20 e 21.

ADVERTÊNCIA

Pareceu-nos que os artigos publicados em AURORA, no correr do ano passado, deveriam escapar ao destino que, em geral, tem aquilo que se escreve em periódicos e jornais — a vida efêmera.

E porque?

Apenas por isto: a maior organização espírita do país aplica largos proventos advindos da publicação das obras do Codificador da Doutrina dos Espíritos na adulteração das mesmas obras e na deformação dos Evangelhos de Jesus Cristo; o esclarecimento levado aos Espíritas de fala portuguesa, apresentando o verdadeiro sentido do roustainguismo, levá-los-ia à recusa da falsificação; e esta cessaria, quando mais não fosse, pela falta de fregueses, tanto vale dizer, pela falta de lucro.

A recusa de obras adulteradas ou conducentes a uma deformação doutrinária seria uma campanha de não cooperação no erro, uma resistência passiva, uma greve serena, de braços cruzados.

Reunindo aqueles artigos em volume, visamos apenas oferecer aos nossos confrades um conhecimento exacto do problema, porque os Espíritos devem ter consciência de seus actos e, assim, não podem cooperar na deformação dos Evangelhos.

J.A.F.

I

A EDITORA da Federação Espírita Brasileira acaba de lançar mais um livro de defesa do roustaingismo, de autoria do Sr. Ismael Gomes Braga, intitulado ELOS DOUTRINÁRIOS e constituido, ao que nos parece, de uma série de erros doutrinários.

Tem ou autor magníficas qualidades de escritor, posto abuse do cientifismo e de certas expressões, como em relação à voz "agênere" e de "palavra cunhada". A propósito convém lembrar que se há uma casa da moeda, onde se cunham legítimos valores, lugares existem onde a cunhagem é suspeita... Como quer que seja, talvez para contornar as naturais dificuldades de quem assume a tarefa ingrata de defender uma tese indefensável, como é o roustaingismo, s. s. comete alguns abusos, que reputamos falta de consideração para com o público, principalmente um público que, por força de sua orientação filosófica, se deve aplicar na busca da Verdade.

O primeiro abuso é a exibição de conhecimentos de Biologia, que nenhuma ligação têm com o tema em estudo. Na verdade, para sus-

tentar que Jesus Cristo não foi homem, mas um agêner, isto é, um ser não gerado conforme as leis normais nas etapas mais altas da escala zoológica, aquele extenso alinhamento de nomes arrezados do início da série animal e sua maneira de procriação, para aos mesmos comparar Jesus Cristo, é tão deselegante e pouco sensato, do ponto de vista científico, que só teríamos o direito de o esperar de um desses mocinhos que estão fazendo o curso de colégio ou a secção de ciências em faculdades de filosofia. Nunca em directores da casa da Avenida Passos ou seus autorizados representantes.

Por tal processo s. s. só alcança o seguinte: que os espíritas de cultura lamentem e se sintam humilhados; que os faltos de cultura vão passando adiante, confiados, argumentos que diminuem o coneito em que deve ser tida a doutrina espírita; que os adversários façam um péssimo juízo de uma doutrina cujos maiores se apresentam à luta tão mal aparelhados.

O segundo abuso de s.s. é a marcada preferência por edições recentes da Bíblia, "preparadas" pela Igreja Católica.

Quem aborda temas científicos procura as fontes insuspeitas; apoia-se em autores que, por sua grande autoridade ou por sua vetustez, sejam justamente respeitados.

Ao fazer sua obra, Allan Kardec apoiou-se, quanto à parte moral e bíblica, na versão de Saci, que tem o apoio da catolicidade de fala francesa. Por que não nos referirmos a ela? E se esta nos falta, ou desejamos reforçar a convicção, porque não recorrer, por exemplo, à notável Bíblia Inglesa revista em 1611, mais conhecida como a *King James Version* e que se mantém inalterável, até mesmo quanto à mutação gráfica sofrida pela língua inglesa? E as versões italianas de Diodati e de Luzzi, aquele vindo do último quartel do século XVI e com o título de professor de teologia na Universidade de Calvino, em Genebra, e este tendo por si toda a imensa e, por todos os títulos, respeitável, tradição dos Valdenses? E por que não seguir, mesmo, as versões em língua portuguesa? A de João Ferreira de Almeida tem a preferência das várias denominações protestantes; a de António Pereira de Figueiredo, usada por protestantes e católicos, tem como única diferença que os primeiros excluem sete livros, considerados não canónicos.

Mas, não. O Sr. Gomes Braga se faz de muito moderno, despreza os arcaísmos e volta suas preferências para duas versões brasileiras recentíssimas: a de Huberto Rohden e a de Frei João José Pereira de Castro, O. F. M. e... (notável!) para a Bíblia em esperanto!

Será possível que s. s. ignore que os padres católicos andam “preparando” bíblias, alterando profundamente os textos, trocando palavras e até ideias e conceitos, ilaqueando a boa-fé dos crentes e criando “bases” para o apoio dos dogmas da Santa Madre Igreja, principalmente o da Santíssima Trindade e o da Conceção Imaculada?

Ainda não tivemos oportunidade de examinar a citada versão de Frei João. Quanto a do Sr. Huberto Rohden, um dos padres mais cultos que temos conhecido, trata-se apenas do Novo TESTAMENTO, notavelmente alterado. Nós a possuímos.

Quem está familiarizado com estes assuntos sabe que actualmente há duas correntes, duas tendências muito marcadas na Igreja Católica. Disso deram exemplo, nos últimos tempos, entre outras ordens regulares, os dominicanos. Quem não conhece as conferências do Pe. Ducatillon em Buenos Aires, no Rio e em São Paulo?

Rohden era outro exemplo. Seus livros indicam não só que aspirava, como pressentia e se preparava para uma transformação que arejasse e saneasse a fé católica. Mas seu espírito era demasiadamente grande para caber nas estreitezas dos dogmas. Afastou-se da Igreja sem a hostilizar, até porque sabe o perigo que corre um expadre de sua cultura e de sua estirpe.

Para se fazer uma ideia de sem-cerimónia a que chegaram os padres católicos, vai aqui um exemplo, entre muitos que poderemos aduzir.

O Pe. Matos Soares, português, “preparou” uma versão da Bíblia, publicada em quatro volumes, em 1946, no Porto, pela Tipografia Porto Médico, Ltda. Também a temos em nossa colecção. Traz uma carta laudatória do então Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Pacelli, hoje Sua Santidade o Papa Pio XII. Pois no Evangelho de João (VIII:25), que diz, segundo a versão de Almeida: *Disseram-lhe pois: Quem és tu? Jesus lhes disse: Isso mesmo que já desde o princípio vos disse*”, a redacção do Pe. Matos Soares é: *(Eu sou Deus), o princípio de todas as coisas), eu que vos falo*”.

Via de regra fazemos as citações com estrita fidelidade gráfica aos textos. Assim, grifos, parêntesis e outros sinais acham-se nos textos citados.

Há uma passagem em João, na qual Jesus Cristo fala de si mesmo na primeira pessoa e se diz homem. Pois as recentes Bíblias católicas estão “preparadas” de tal jeito que o vocábulo “homem” foi eliminado. Considerando isoladamente, o sentido será o mesmo. Mas como chega a servir a certos objectivos! E’ claro que os exemplos servem ao dogma da Santíssima Trindade. E os roustaingistas navegam nessas águas

suspeitas, porque a adulteração lhes convém, em apoio à teoria do corpo fluídico de Jesus.

Então o caso da Bíblia em esperanto é, como se costuma dizer agora, de amargar. Que valor probante pode ter uma Bíblia traduzida numa língua artificial?

O Sr. Gomes Braga deve saber que há muita gente que, mesmo sem ser espírita, conhece bem a Bíblia e acompanha o que dizem e escrevem os espíritas, — roustinguistas ou não. O grande livro está muito estudado e é pena que seja muito mal conhecido dos espíritas. Sabem-se-lhe o número de capítulos, de versículos e de palavras; conhecem-se a sua geografia, a sua história, a sua filologia. Sabe-se como chegou até aos nossos dias, através de tremendas vicissitudes, de lutas, de perseguições, de crimes, de abnegação, e de heroísmos. Está hoje traduzida em mais de um milhar de línguas e dialectos, no todo ou em parte. Tudo isto custou trabalhos penosos e sacrifícios inenarráveis. Haverá, assim de pronto, no mundo esperantista, alguém que reúna cultura, bondade, experiência, argúcia, intuição, isenção de ânimo e assistência espiritual suficientes para lhe conferir autoridade para fazer uma versão verdadeiramente digna da Bíblia?

Nossa dúvida apoia-se, principalmente, no emprego abusivo que os roustinguistas andam

fazendo do esperanto, como veremos com mais vagar.

Para os legítimos estudiosos do grande livro, sua versão em esperanto é demasiadamente artificial e sem vida, porque a língua de Zamenhoff não tem espírito nem amarras no tempo e no espaço.

O terceiro abuso do autor é o desprezo pela lógica, por aquilo que seus leitores em geral, e seus opositores em particular, podem aprender e, principalmente, podem ter aprendido. Lembrem-se s. s. que todo escritor precisa levar em conta o nível mental do público; que no seu caso particular de escritor espírita e de sua responsabilidade social, além de se comprometer como homem comum, está se comprometendo como espírita e comprometendo a própria doutrina a que pretende servir.

Tudo isso talvez seja fruto do empolgação de s. s. pela doutrina de Roustaing.

O certo é que lhe falta lógica e s. s. conta muito com a amnésia dos leitores.

Mas vamos ao livro.

Em cento e seis páginas do texto o Sr. Gomes Braga pretende provar muitas coisas, algumas das quais são:

I — que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing, “encarrega-

do de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores”;

II — que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje carácter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três mediuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier;

III — que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus: apenas a pôs de quarentena; posteriormente, como espírito, a apoia;

IV — que Jesus Cristo não era homem, mas simples agêneres;

V — que a obra de Kardec era destinada aos crentes e a de Roustaing às pessoas de cultura;

VI — que “as três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício”; a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto;

VII — que “se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria”;

VIII — que “está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em

numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec, e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo”;

IX — que “negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias”;

X — que “quem nega que Jesus tenha sido um agêneres nega também a codificação kardeciana, não é espírita”.

Eis o que há de mais importante.

Então vamos às falas.

Aceitamos — e conosco os kardecistas, isto é, os Espíritas cristãos — como ponto de partida, as duas Revelações contidas na Bíblia. Apenas não aceitamos qualquer “Bíblia preparada”.

Nesta análise apoiar-nos-emos em versões insuspeitas, que têm prestígio mundial ou, ao menos, dentro do âmbito das próprias línguas. São elas, as versões portuguesas de Almeida (protestante) e de Figueiredo (católica), esta na respeitável Bíblia da Bahia, que traz as notas escritas pelo Cónego Delaunay para a versão francesa de Saci (a mesma que usou Kardec), notas que tiveram aprovação de Monsenhor Sibour, Arcebispo de Paris; a primeira edição brasileira, feita em 1863, pelo livreiro B. L. Garnier, do Rio, traz a autorização de D. Manoel, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil. Citaremos da

2.^a edição, que possuímos, datada de 1881. Em língua francesa citaremos a versão de Louis Segond, feita de textos originais hebraicos e gregos e publicada em 1910; nossa cópia é uma reprodução fiel, impressa na Inglaterra em 1939. Em italiano transcreveremos textos da versão de Diodati, conforme uma reedição inglesa de 1946. Em inglês citaremos a *Red Letter Edition* da *Authorized King James Version*, impressa nos Estados Unidos em 1913. Ocasionalmente, se o Sr. Gomes Braga quiser melhores fontes, citarei os textos gregos, de acordo com a edição que possuímos, de autoria de Brooke Foss Westcott, D. D. e Fenton John Anthony Hort, D.D., publicada em 1947 por The Macmillan Company, U. S. A.

O assunto é de muita gravidade e exige que as fontes estejam acima de qualquer suspeita.

A matéria é longa e não se pode conter em dois ou três artigos. Há, pois, que ser apresentada com método. Antes, porém, de entrarmos na análise dos dez itens, e a fim de que os possíveis leitores destes artigos bem compreendam que nosso rigor, quanto às fontes bíblicas citadas, não é mero exibicionismo, devemos deixar bem claro que:

a — a biblioteca da Federação Espírita Brasileira deve dispor de magníficos exemplares da

Bíblia, dignos do maior acatamento, principalmente no caso vertente, porque publicados fora do ambiente espírita, anteriormente à questão Kardec-Roustaing e ao movimento católico de adulteração dos textos;

b — porque de longa data vimos percebendo, nas publicações feitas pela editora da Federação Espírita Brasileira, enorme discaso pelas citações dos textos bíblicos, geralmente mutilados, estropiados e com a referência errada;

c — porque, no caso particular da obra de Roustaing, a versão brasileira teve a sem-cerimônia de alterar alguns versículos, como teremos oportunidade de ver; com isso só conseguem atrair a repulsa ou, pelo menos, a suspeita, para uma obra de que fazem tão grande praça;

d — porque as edições brasileiras das obras de Allan Kardec andam sendo alteradas e mutiladas, como se pode verificar nos capítulos XX e XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que, depois de ter tido uma tradução correcta, que vinha dos tempos da velha guarda, em lugar de a reverem, se fosse o caso, os directores da F.E.B. mandaram o Sr. António Lima fazer, em 1931, uma tradução baseada no 48.^o milheiro da edição francesa — justamente o adulterado e mutilado. Esta a fonte das versões brasileiras desde 1932.

Por estas razões, e por outras mais, que virão a seu tempo, a questão roustanguista levanta tremendas suspeitas e deve ser tratada com muito cuidado. Nós não nos inclinamos tanto assim em favor da santidade de propósitos de uma corrente que não recebeu uma tarefa específica, uma missão espiritual, mas que se apoderou da direcção da chamada *Casa de Ismael* de maneira tão pouco cristã, como a que relata antigo roustanguista, companheiro de jornada e director daquela casa — o Sr. Leopoldo Cirne, no seu “*O Anticristo, Senhor do Mundo*”, saído dos mesmos prelos da F. E. B.

E’ a lei do karma.

Nos seus ELOS DOUTRINÁRIOS o Sr. Gomes Graga cita pedacinhos de Kardec, supostamente em apoio à obra de Roustaing. Nós repetamos o autor a exhibir aqueles artigos do Codificador em cópia fotostática e na integra. As despesas correrão por nossa conta: basta que a F. E. B. exhiba os originaes, que ninguém lhes tira pedaço.

Em opposição à sua afirmação gratuita que-remos citar a de um contemporâneo de Roustaing e seu admirador. É o Sr. J. Malgras, autor de *Les Pionniers du Spiritisme en France*, Librairie des Sciences Psychologiques — 42, Rue Saint-Jacques, Paris 1906. Depois de algumas páginas de insopitado entusiasmo pelo Sr. Rous-

taing, diz ele, à página 39: “*La Théorie du corps fluidique de Jésus a été vivement combattue par un grand nombre de spirites, Allan Kardec en tête*” etc. O grifo é nosso e, para as pessoas não afeitas à língua francesa, isso quer dizer: “A teoria do corpo fluídico de Jesus foi vivamente combatida por grande número de espíritas, à frente dos quais Allan Kardec”, etc.

Felizmente o Sr. Gomes Braga diz, à página 24:

“Kardec cré no Evangelho e toma-o por livro sagrado da Segunda Revelação” etc. E logo adiante: “Portanto, o Espiritismo codificado por Allan Kardec é cristão, é a Revelação iniciada em Moisés, confirmada por Jesus e continuada hoje pelos Espíritos em numerosas obras”. E a página 25 diz: “...as três Revelações formam um todo solidário, pois, quem nega parte, está inconscientemente demolindo sua própria casa”, etc.

E’ uma felicidade que o próprio Sr. Gomes Braga ajude a nossa argumentação. Com efeito, à página 13, transcreve palavras de Kardec que vêm, como se costuma dizer, a talho de foice: “Ao lermos estas palavras tão claras, pronunciadas por Jesus, lembramo-nos das que Kardec escreveu em “*Obras Póstumas*” (IV — *Palavras de Jesus depois de sua morte*): “Que maior au-

toridade do que as próprias palavras de Jesus? Quando ele diz, categoricamente: eu sou, ou não sou tal coisa, quem tem o direito de desmenti-lo, ainda que seja para colocá-lo mais alto? Quem pode, razoavelmente, pretender, melhor do que ele, conhecer-lhe a natureza? Que interpretações podem prevalecer contra afirmações tão formais e tão numerosas, como estas?"

O leitor preste bem atenção, releia estas citações e agora veja o que diz João, o Apóstolo predilecto do Mestre, aquele que foi seu confidente, o depositário máximo do seu ensino: aquele que os estudiosos consideram como tendo tido a tarefa de revelar o Cristo e denunciar o anticristo; aquele que, tendo sido o mais jovem do grupo, foi o que teve vida mais longa e foi respeitado até pelos inimigos; aquele que se plantou como uma atalaia da doutrina cristã, deixou-nos o Evangelho filosófico e as tremendas profecias do Apocalipse, realizadas umas, em vias de realização, outras.

Vejamos João, VIII: 40,

Versão de Almeida: *"Mas agora procurais matar-me, a mim, homem que vos tenho dito a verdade que de Deus tenho ouvido; Abraão não fez isto".* Em Figueiredo lê-se: *"... a mim que sou um homem"*, etc; em Diodati: *"... voi cercate d'ccider me, uomo che vi ho proposta la verità"*, etc.; na versão inglesa: *"... to kill me, a man*

that hath told you the truth", etc; por fim o texto grego:

...ἄνθρωπον ὅς τὴν ἀλήθειαν ἡμῖν λελάλεκα...

Mas para os roustanguistas...

Há mais ainda. Nas Epístolas, definindo o anticristo, João é claríssimo. Assim, I João, IV: 1-3; 6, lemos:

Na versão de Almeida: *"Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus; todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há-de vir, e eis que está já no mundo. — Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro."*

A versão de Figueiredo é idêntica. Em Diodati lemos: *"... ogni spirito che confessa Gesù Cristo venuto in carne, è da Dio: E ogni spirito che non confessa Gesù Cristo venuto in carne non è da Dio; quello è lo spirito d'anticristo, etc..."* Na versão francesa temos: *"... tout*

esprit qui confesse Jésus-Christ venu en chair est de Dieu; et tout esprit qui ne confesse pas Jésus n'est pas de Dieu, c'est celui de l'antéchrist" etc. Na versão inglesa encontramos: "... Every spirit that confesseth that Jesus Christ is come in the flesh is of God, and every spirit that confesseth not that Jesus Christ is come in the flesh is not of God; and this is that spirit of antichrist", etc. Por fim diz o texto grego:

Πᾶν πνεῦμα ὃ ὁμολογεῖ Ἰησοῦν Χριστὸν ἐν σαρκὶ ἐληλυθότα ἐκ τοῦ Θεοῦ ἐστίν, καὶ πᾶν πνεῦμα ὃ μὴ ὁμολογεῖ τὸν Ἰησοῦν ἐκ τοῦ Θεοῦ οὐκ ἐστίν· καὶ τοῦτο ἐστίν τὸ τοῦ ἀντιχρίστου.

Qual será o roustanguista com autoridade para contrariar aquelas palavras de Kardec e estes textos do iluminado de Patmos, que têm por si o prestígio universal de dezenove séculos?

Pois João não parou aí: numa pequena epístola, de apenas treze versículos, dirigida a uma senhora para combater heresias, faz a saudação inicial e as recomendações finais; mas num único versículo dá a boa doutrina.

Ei-la (II João, 7):

Em Almeida: "Porque já muitos enganadores entraram no mundo os quais não confessam

que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anti-cristo". Em Figueiredo: "Porque muitos impostores se têm levantado no mundo, que não confessão que Jesu Christo veio em carne. Este tal é impostor e Anti-Christo". Em Diodati: Conciossiachè sieno entrati nel mondo molti seduttori, i quali non confessano Gesù Cristo esser venuto in carne; un tale è il seduttore e l'anticristo". Em Segond: "Car plusieurs sont entrés dans le monde, qui ne confessent point que Jésus-Christ est venu en chair. Celui qui est tel, c'est le séducteur et l'antéchrist". Na versão inglesa: "For many deceivers are entered into the world, who confess not that Jesus Christ is come in the flesh. This is a deceiver and an antichrist". Finalmente em grego:

Ὅτι πολλοὶ πλάνοι ἐξηλθάν εἰς τὸν κόσμον, οἱ μὴ ὁμολογοῦντες Ἰησοῦν Χριστὸν ἐρχόμενον ἐν σαρκί· οὗτός ἐστιν ὁ πλάνος καὶ ὁ ἀντίχριστος.

Eis o que são os roustanguistas, na definição lapidar do grande Apóstolo do Cristo. Bem razão tinha Kardec naquela passagem citada pelo próprio Sr. Gomes Braga.

Estamos vendo assim que, no fundo a questão do roustanguismo significa: falta de Evangelho, na mente e no coração.

No Evangelho de Lucas, capítulo XX, há uma parábola dos lavradores maus. No final lemos este trecho:

"Que lhes fará pois o senhor da vinha?"

"Irá, e destruirá estes lavradores, e dará a outros a vinha. E, ouvindo eles isto, disseram: não seja assim!"

"Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto, pois, que está escrito? A pedra, que os edificadores reprovaram, essa foi feita cabeça de esquina."

"Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó".

Esta pedra é a doutrina de Jesus Cristo, tal qual nos legaram os seus discípulos.

Tristes perspectivas para os seus falsificadores!

II

N O ARTIGO anterior começámos a analisar o livro do Sr. Ismael Gomes Braga, intitulado "ELOS DOUTRINÁRIOS": mostrámos o desprezo de s. s. pelos bons textos da Bíblia e sua preferência pelas edições adulteradas, "preparadas" pela Igreja Católica nestes últimos anos; referimo-nos à adulteração dos escritos e do pensamento de Allan Kardec em relação à obra de Roustaing, que o livro do Sr. Gomes Braga pretende defender contra a lógica, o bom-senso, o respeito à inteligência dos leitores e, sobretudo, o respeito aos textos bíblicos. Destacámos dez itens ou teses dos "ELOS DOUTRINÁRIOS", a fim de os estudar paulatinamente.

Vamos, pois, às teses. A primeira delas é:

A missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing "encarregado de organizar os trabalhos da fé, dando confirmação às revelações anteriores".

Inicialmente, analisemos o caso Roustaing sob um aspecto mais geral, buscando saber se

o grande advogado francês foi mesmo um missionário, e missionário da Terceira Revelação.

Conforme os ensinamentos da doutrina espírita, missionário na Terra é o Espírito que, na vida de além-túmulo, ou escolheu ou aceitou uma tarefa importante a realizar entre os homens. Pela lógica, de que se não apartam os grandes Espíritos que nos trouxeram todo esse vasto acervo de materiais, que permitiram fossem os problemas do Espiritismo estudados sob critérios seguros e métodos realmente científicos, um Espírito missionário pode triunfar, como pode falir na sua missão, porque, apesar de desfrutar de livre arbítrio, suas forças entram em jogo com outras forças do meio social, as quais agem como modificadoras de seu impulso inicial, tanto em valor ou grandeza como em direcção ou ponto de aplicação, de modo que se constata um puro fenómeno de mecânica social. Pode triunfar ou falir em consequência da lei do karma, isto é, de seus antecedentes intelectuais, espirituais e, sobretudo, morais, cuja acção se haja reflectido no passado meio social. Pode ver-se rodeado de dificuldades insuperáveis, inerentes umas a seu próprio modo de ser, outras à acção de seus amigos e adversários de ambos os planos. Essas dificuldades podem ainda derivar-se da extemporeidade de sua acção missionária, da sua inabilidade ou da inadequabilidade de seus métodos,

ou mesmo da falta de um plano que, como no campo militar, reveste dois aspectos — um tático, outro estratégico.

Como quer que seja, a falência denota uma falha do Espírito que, com a derrota, deixa a prova de que se não havia preparado suficientemente, não tinha sabido cercar-se de companheiros, de auxiliares, de coadjuvantes, incarnados ou desincarnados, para uma tarefa que, via de regra, nunca tem cunho exclusivista e pessoal, jamais é confiada a um indivíduo isolado: é como se procede nos estados-maiores, onde se faz trabalho de equipe. Dentro da lógica, sempre guardada por todos os bons Espíritos, atendo-nos à relação "causa-efeito", o fracasso é sempre sinal de inferioridade, hipertrofia de Eu, orgulho e vaidade.

Sabe-se pelo ensino dos Espíritos que egoísmo e orgulho constituem as duas maiores fontes de males e fracassos. Deu-nos Kardec um belo exemplo de haver superado estas debilidades, recusando terminantemente intitular-se autor ou inventor de uma escola filosófica, de uma doutrina. Honesto como quem mais o for, não pode ser medido pela craveira daqueles que andam se escorando na adulteração do alheio pensamento para sustentar as próprias ideias. Esta falta se não a cometeu o próprio Roustaing, cometeram-

-na os Espíritos inspiradores de sua obra; cometeram-na os seus partidários, tanto na França quanto no Brasil.

Ora — já o dissemos — não pode estar com a boa causa da Verdade quem procura esteiá-la na mentira.

Assim sendo, podemos aceitar que Roustaing tivesse encarnado com uma certa missão: mas é fora de dúvida que faliu porque aceitou inverdades; porque não deu à sua obra aquela força moral — que se encontra na obra kardeciana — de propagar a Verdade e separar-se da mentira e do erro.

Por que teria falido?

Porque ainda tinha, em alta dose, os resquícios da vaidade e do orgulho.

Procurou ele aliar-se a Allan Kardec e trabalhar em paralelo ou em convergência de objectivos? Submeteu as mensagens de seus supostos evangelistas, apóstolos “et caterva” ao exame da crítica sensata de outros estudiosos, que os havia em abundância, contemporaneamente à missão de Allan Kardec?

Não; não o fez. Buscou o isolamento. Eri-giu-se em flecha dessas catedrais góticas, que se espeta no céu, como que a dizer sempre: EU!

Kardec havia permitido na Sociedade Espírita de Paris a penetração dos roustaingistas. E,

quando se finou o Codificador, os partidários do “Jesus nem Deus nem Homem” foram se apoderando dos postos-chave da Sociedade e não tiveram pejo de adulterar a obra do mestre.

Que prova isto?

Um desespero de causa, a falência do missionário e uma obstinação, uma obsessão colectiva, que não podia deixar de ser, como de facto o é, obra do Anticristo.

E’ triste confessar, mas a verdade é que se Roustaing foi um missionário, foi sobretudo um fracassado na doutrina da Terceira Revelação, porque deformou a doutrina de Jesus Cristo.

* * *

Pretende o Sr. Gomes Braga que Roustaing tenha sido *encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às revelações anteriores*”.

Já vimos, pelo que ficou dito acima e pelo que dissemos no artigo anterior, que a acção de Roustaing e de seus prosélitos, no campo da doutrina, por seu carácter deformante dos textos bíblicos, foi e é anticristã, não podendo, por isso mesmo, ser tomada como de auxílio à missão de Kardec. Basta lembrar que foi justamente o roustaingismo que levou o fraccionamento e o divisionismo aos meios espíritas franceses, com-

prometendo a obra social que o Sociedade Espírita de Paris, fundada por Allan Kardec, já vinha realizando, a despeito da atenção deste estar voltada, precìpuamente, para os escritos doutrinários.

Estudada assim a primeira parte da primeira tese, vejamos a segunda parte: "*encarregado de organizar a Fé*".

* * *

Kardec considerou o Espiritismo sob três aspectos fundamentais: o científico, o filosófico e o religioso; mas nunca afirmou que o Espiritismo fosse uma religião. Em escritos vários temos sustentado que segundo o conceito clássico de religião, esta se acha condicionada às influências do meio social, e pode ser considerada sob dois aspectos: o de interioridade e o de exterioridade. O primeiro se desenvolve pelo estudo, pela meditação, pelo conhecimento, aplicados aos superiores objectivos da vida e não é percebido por sinais externos; o segundo é a moda, é o ritual, é a liturgia, é tudo aquilo que fala aos sentidos e que, pouco a pouco, transforma as práticas religiosas num automatismo psicológico. A primeira dá a compreensão e alarga os horizontes espirituais; a segunda limita a inteligência e cria o fanatismo.

Como quer que seja, este último aspecto é o que prevalece em todos os cultos, em todos os tempos, dado o comodismo e o interesse dos dirigentes religiosos.

Assim, o que caracteriza uma religião é, essencialmente, o seguinte: 1.º — um conjunto de dogmas, impostos à razão e transformados em artigos da fé; 2.º — um ritual mais ou menos aparatoso, a cuja origem podemos remontar e buscar a sua significação no sincretismo religioso e nos fenómenos de psiquismo colectivo, terrivelmente persistentes em todos os povos, embora variem ligeiramente as causas efficientes; 3.º — uma hierarquia sacerdotal que dirige este segundo aspecto e guarda e amplia o primeiro.

Posto que, vez por outra, se encontre na obra de Kardec o vocábulo "DOGMA", este aí aparece mais com o significado de *ponto inconcusso de doutrina*, estabelecido à luz dos factos e das consequências destes decorrentes, do que de *ponto inconcusso de fé*, estabelecida, ou antes, imposta, mesmo que choque a razão e não se apoie em argumentos lógicos. Por isso mesmo Kardec sistematicamente nos diz que o Espiritismo não é uma religião.

Com efeito, no seu *O que é o Espiritismo*, 9.ª edição da F.E.B., ano de 1945, lemos à página 8:

"O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como

ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais, que dimanam dessas mesmas relações.

Podemos defendê-lo assim:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.

Mais adiante, à página 74, reafirma:

“O Espiritismo tem por fim combater a incredulidade e suas funestas consequências, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura; ele se dirige, pois, àqueles que em nada crêem ou que de tudo duvidam, e o número desses não é pequeno, como muito-hem sabeis; os que têm fé religiosa e a quem esta fé satisfaz dele não têm necessidade”.

Continuando, diz à página 79:

“Se hoje há luta entre a Igreja e o Espiritismo, nós temos consciência de não tê-la provocado”.

E à página 84 assim aborda a questão dos dogmas:

“O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, e não cura de questões dogmáticas. Esta ciência tem consequências morais como todas as ciências filosóficas: essas consequências são boas ou más?”

E’ simples julgar-se pelos princípios gerais que acabo de expor”.

E já na página seguinte, repisa:

“Melhor observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro carácter é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião; e a prova disso é que ele conta entre seus aderentes homens de todas as crenças”, etc.

E, cinco linhas adiante:

“Ele repousa, por conseguinte, em princípios independentes das questões dogmáticas. Suas consequências morais são todas no sentido do cristianismo, porque de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura; razão pela qual, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos para compreendê-lo em sua verdadeira essência.

Podemos exproba-lo por isso?”

Cada um pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar à vontade as religiões conhecidas; mas daí a constituir nova igreja, a distância é grande”.

Em perfeita concordância, lemos à página 102:

“Eis porque, sem ser uma religião, o Espiritismo prende-se essencialmente às ideias reli-

gias, desenvolve-as naquelas que não as possuem, fortifica-as nos que as têm incertas”.

“A religião encontra, pois, um apoio nele, não para as pessoas de vistas estreitas, que a vêem integralmente na doutrina do fogo eterno, na letra mais do que no espírito, mas para aqueles que a vêem segundo a grandeza e a majestade de Deus”.

Parece que temos o suficiente.

Como é sabido que todas as religiões se arrogam a posse exclusiva da Verdade e o culto do verdadeiro Deus, nenhum elemento forneceram os Espíritos a Kardec para constituir o Espiritismo em religião, como se vê dos trechos citados. Ele é um ciêncista na sua feição prática; e como versa os problemas gerais da evolução da vida universal, conduz-nos a generalizações máximas, isto é, a uma filosofia; e porque ciêncista e filosofia lidam com os problemas máximos do ser humano, os de sua origem, de suas vicissitudes, assim na matéria como fora dela, e porque nos aponta o destino irrefragável do Espírito, problema basilar de todas as religiões — mas insolúvel ou erradamente considerado em todas elas — é que o Espiritismo tem consequências religiosas, mas nunca será uma religião.

Seu papel é de esclarecer o homem; é de permitir a fé pela razão e nunca por imposição dogmática. Por isso, fiel ao pensamento expresso dos

Espíritos, não o converteu em religião nem tratou de a organizar: a fé não se sistematiza a não ser em foro íntimo e por acção pessoal. Consequentemente, desnecessário lhe era um missionário para a sinecura de “organizar o trabalho de fé”. Tudo quanto era essencial, neste particular, Kardec já havia apresentado em *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *A Génesis* e, em seguida no *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e em *Céu e Inferno*.

Se Allan Kardec só se ocupou da obra de Roustaing para a combater na *Revue Spirite*, como dissemos no primeiro artigo, é que não reconheceu no advogado de Bordéus as qualidades de seu coadjutor.

Ora, sabe-se que Kardec agia sempre de acordo com os Espíritos missionários, de alta estirpe, que lhe davam conselhos, mensagens, ideias, sugestões; que por vezes desciam a minuciosa análise de problemas de actualidade ou traçavam os lineamentos de problemas porvindouros.

Seria crível que Allan Kardec se houvesse enganado quanto à tarefa colaboracionista de Roustaing? E, dado que se houvesse enganado, porque os Espíritos que o orientavam não esclareceram seu equívoco? Admitindo, ainda, que esses Espíritos houvessem cochilado porque, en-

tão, os tais evangelistas, apóstolos, Moisés & Cia do Sr. Roustaing não usaram de sua autoridade, sua hierarquia espiritual junto aos guias de Kardec? porque não os despertaram e fizeram corrigir o engano do Codificador, para que um missionário tivesse mais facilitados os meios de cumprir a missão que trouxera do plano espiritual?

Além disso, mesmo admitindo a necessidade que o Sr. Gomes Braga assina como tarefa de Roustaing, de *organizar a fé*, e considerando, ainda, que os roustanguistas brasileiros procuram dar o seu patrono como auxiliar de Kardec, força é convir que já veio tarde. Do ponto de vista espírita, considerando os assuntos gerais da doutrina, tal qual o consideraram Kardec e seus legítimos colaboradores, no tocante a fé o que é fundamental se acha em *O Livro dos Espíritos*, *A Génesis*, *o Céu e Inferno* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, todos organizados por Allan Kardec, publicados anteriormente à obra de Roustaing e contendo inúmeras passagens que, directa ou indirectamente, são contrárias à tese fundamental do roustanguismo, isto é, que Jesus Cristo não foi homem.

Ao contrário disso, os guias de Roustaing andaram apenas, na França como no Brasil, levando o autor da obra anticristã e os "aperfeiçoa-

dores" a torcer e falsear os Evangelhos, a tirar ilógicas e falsas ilações de versículos destacados do Velho Testamento, no afã de encontrarem apoio à mais antiga das heresias surgidas no seio da cristandade: a de que Jesus Cristo não foi homem.

Triste missão a do Sr. Roustaing e de seus partidários!

* * *

A terceira e última parte de tese que estamos discutindo diz que Roustaing veio dar "*Confirmação às revelações anteriores*".

Como? Onde se apoia o Sr. Gomes Braga, para externar um tal conceito?

A primeira revelação, o Velho Testamento, contém a lei de Deus, que os Judeus chamavam *Torah*; profetizava a vinda do Messias; batia-se contra os desvios sacerdotais e predizia acontecimentos futuros naquele conjunto de livros chamados *Nebiim*; estes abarcavam tanto os grandes como os menores profetas. Outros livros históricos e poéticos o completavam.

Nesses textos, onde há referências ao Messias, ele será um homem, um profeta, um rebento da Casa de David. Tudo isso se cumpriu no tempo certo, no lugar predito, nas condições previstas pelos grandes videntes. Jesus Cristo ensina

a sua doutrina e seus apóstolos e discípulos a transmitem. São os escritos que constituem a Segunda Revelação.

De como se copiavam e se transmitiam esses livros sagrados diremos oportunamente. Baste, por hoje, dizer que havia regras rigorosíssimas para se lhes fazerem cópias, o que equivale quase a um trabalho impresso; conhecem-se o número de capítulos, de versículos, de palavras; sabe-se qual o capítulo mediano, qual a palavra central. Com um tal luxo de minúcias, difícil é fazer mutilações, enxertos ou interpolações. Esses escritos estão representando de dezenove a trinta e dois séculos de tradições, de resistência, de força moral, de valor e respeito ao que é espiritual; suportaram tremendas vicissitudes, sucessivas destruições, cativoiro e perseguições; para resistir a tudo e se manterem em tal harmonia que hoje, quanto mais avança a ciência, mais se confirma quanto neles está escrito.

Desses escritos há actualmente quatro grandes códigos que constituem preciosidades de um valor incalculável; são eles: o *Sináítico*, na Biblioteca de Moscou; o *Vaticânico*, em Roma; o *Alexandrino*, no Museu de Londres e o de *Efrem*, em Paris. Deles falaremos oportunamente com alguns detalhes. Por hoje limitamo-nos a dizer que o primeiro tira seu nome de um mosteiro de

padres oxtodoxos gregos, no *Monte Sinai* — o célebre *Mosteiro de Santa Catarina*: tem uma altíssima antiguidade e foi descoberto em 1844 por Tischendorf, professor da Universidade de Lipsia; o segundo remonta ao quarto século de nossa era e já em 1475 era citado no catálogo da *Biblioteca do Vaticano*; o terceiro, que se acha no *Museu de Londres*, procede na África e é tido como tendo pertencido a Santa Tecla, que foi abadessa de um convento em *Alexandria*; sua primeira referência é do ano de 1098 quando foi apresentado ao patriarca de *Alexandria*, de onde lhe vem o nome; por fim o último, também chamado *Codex Regius Parisiensis*, encontra-se na *Biblioteca de Paris*; o nome de *Código de Efrem* se deve ao facto de um escriba o haver parcialmente estragado, para o utilizar como palimpsesto, aí copiando a obra de um sírio, Pai da Igreja, chamado *Efrem* ou *Efraim*.

Todos são concordes; todo o mundo os respeita — menos a Igreja Católica e com ela, os Espíritos que vieram inspirar o Sr. Roustaing.

Convenhamos que a maneira por que o fizeram está longe de “confirmar as revelações anteriores”. Ao contrário, a tese de Roustaing opõe-se a várias passagens que se acham nesses textos, os quais, mesmo para os incrédulos, devem ser sagrados. Estes não podem ser assim, leviamente, postos em dúvida ou apontados como

inverídicos. Para tanto fora mister um estudo comparativo, uma refutação honesta, uma argumentação lógica, e isso só se consegue a custa de muito estudo sistemático e paciente, o que requer anos de devotamento para tentar provar possíveis inverdades em textos tão respeitáveis.

Mas não assim para os roustaingistas. Roustaing deixou-se contaminar pela moda da época, de conversar com os Espíritos; tomou gosto e quis tornar-se célebre, rivalizando ou superando Kardec. A vaidade foi a brecha por onde entraram os mistificadores. O resultado aí está: os Espíritos clericiais *fizeram um carnaval*; acabaram desorganizando na França o que Kardec paciente, humilde e sàbiamente havia organizado.

Em relação ao caso no Brasil, os mesmos mistificadores encontraram o terreno fácil, mercê da incultura geral do povo, da falta de conhecimento sistematizado de assuntos religiosos nas camadas mais cultas e, principalmente, da grande falha do brasileiro, no tocante ao conhecimento do livro singularíssimo, que é a Bíblia. O sincretismo religioso encarregou-se do resto.

Já é tempo de destruir o equívoco representado pelo roustanguismo.

III

Os leitores de AURORA que porventura se tenham interessado pelos artigos anteriores desta pequena série, onde vimos analisando o livro do Sr. Ismael Gomes Braga, intitulado "ELOS DOCTRINÁRIOS", devem estar lembrados do que ali dissemos. De início mostrámos estranheza ante a originalidade daquele autor em desprezar as velhas Bíblias respeitáveis, para dar preferência às edições recentes, "preparadas" no Brasil por padres católicos, onde certos textos, referentes a Jesus Cristo, são alterados, mutilados ou ajeitados, de molde a servirem como argumento em favor dos dogmas da Santíssima Trindade e da Imaculada Conceição. Ainda naquele artigo escolhemos dez pontos capitais, ou teses, contidas no referido livro, e nos propuzemos a sua refutação.

No sengundo artigo examinámos a primeira destas teses, que diz

I — "Que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo sr. Roustaing, "encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às revelações anteriores".

Discutindo-a, mostrámos que a fé é sentimento, é questão de foro íntimo, e isto não pode ser organizado por terceiros. Será, quando muito, despertada; mas nunca organizada. O Sr. Roustaing poderia apenas organizá-la em seu próprio foro, não no alheio. Mostrámos ainda que Allan Kardec o combateu e, pois, não o reconheceu como coadjutor ou missionário auxiliar; que se o Codificador houvesse cochilado sobre esse ponto, caberia a seus guias chamar-lhe a atenção; como não o fizeram, provavelmente também haviam cochilado; era então a vez de os Espíritos inspiradores de Roustaing, caso fossem realmente os quatro evangelistas, os apóstolos e Moisés, usarem de sua autoridade, decorrente da própria hierarquia espiritual, e darem um lembrete aos guias de Kardec.

Se não o fizeram é que sua autoridade e sua mesma identidade era muito suspeita.

Postas as coisas neste pé, prossigamos na análise.

Podemos agrupar as seguintes teses:

II — “Que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje carácter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier;”

III — Que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus; apenas a pôs de quarentena: posteriormente, como espírito, a apoia.”

* * *

Contestamos, baseado no bom-senso, a afirmativa de que a obra da Sra. Collignon tenha hoje — “*carácter de universalidade, porque os Espíritos a confirmaram através de três médiuns.*”

Quando uma coisa alcança um certo número de países, diz-se que é *internacional*; *universal*, pela própria etimologia, é aquilo que é peculiar ou relativo ao *universo*, isto é, à *totalidade dos países do mundo*. Ninguém sabia que um facto, ou a confirmação de um facto na Casa da Avenida Passos pudesse ter assim, e só por isto, um *carácter universal*. Até parece que esse “universal” é mera tradução da voz grega “*catholikos*” e que não estamos longe de ver a gente da ex-Casa de Ismael proclamá-la em Vaticano-mirim, como sede gestatória, beija-pés e andor para carregar o “*pontifex-maximus*”, à maneira dos cônsules romanos.

Se não bastar a inanidade do argumento do Sr. Ismael, bastará fazer algumas citações da obra de Kardec. É mesmo interessante seguir esta via, porque o Sr. Gomes Braga — e nisto

estamos de acordo — não admite que se mutile ou altere a obra de Allan Kardec.

Antes, porém, vejamos o caso dos três médiuns.

Francisco Cândido Xavier é médium que está desempenhando notável tarefa no cenário espírita nacional e não deve estar sendo metido levianamente em negócios escusos, pois escuso é usar o prestígio por ele conquistado entre os espíritas, para valorizar uma teoria que a maioria dos profíctentes da doutrina impugnã, e sobre a qual os seus guias mantêm um discreto silêncio. Aquele médium está sendo pela F. E. B. metido na questão roustanguista como Pilatos no Credo.

É possível que os espíritas recentes o ignorem: mas não faz ainda muitos anos o jornal MUNDO ESPÍRITA denunciou, em artigos assinados por pessoa de grande estatura moral e de projecção social — o Sr. General Araripe de Faria — um caso escabroso de adulteração de um livro psicografado por Francisco Cândido Xavier. É o caso de uma obra que se esgotou e, ao publicar a segunda edição, F. E. B. alterou certas passagens, afeiçãoando-as aos princípios roustanguistas.

Tão grave e indefensável era a acusação, que a Federação Espírita Brasileira remeteu-se ao silêncio: apanhou sem tugar nem mugir. Mas nem se arrependeu nem se corrigiu: antes seguiu

o prolóquio: "*Cesteiro que faz um cesto, faz um cento*".

Ora, os Espíritos que têm ditado livros a Francisco Cândido Xavier são criteriosos e equilibrados; não iriam dizer uma coisa hoje e outra amanhã, defender uma tese agora e atacá-la ou defender tese contrária mais tarde, que isto é privilégio de certos políticos; não iriam fazer alterações, corrigendas ou aditivos naquilo que disseram, e que deve ter passado pelo crivo de minuciosa análise. Admitindo mesmo que tivessem tido necessidade de o fazer, teriam tido aquele gesto de elementar elegância dos escritores probos e que sabem respeitar o seu público, para serem, também eles, respeitados; e, ou escreveriam um prefácio para a nova edição modificada, dando conta da alteração, ou poriam, no trecho alterado, uma nota em rodapé.

Fazê-lo subrepticiamente é marcar de suspeição o seu trabalho, quicã o próprio nome, porque deixam de *river às claras*, como manda o belo lema positivista.

Já agora nova suspeita é levantada contra outra obra psicografada por Xavier. Contra o médium? Não: contra os editores, contra a F. E. B. Levanta-a o Dr. Henrique Andrade, nome prestigioso nos meios espíritas do país, em AURORA, n.º 191, de 1.º de Abril do corrente ano.

É o caso de uma comunicação do espírito de Humberto de Campos, publicada em 1937 pela Federação Espírita Brasileira, no volume "*Crônicas de Além Túmulo*" e uma passagem do mesmo espírito, no seu livro "*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*" recebidas ambas por aquele médium e esta publicada em 1938, ou seja apenas um ano após a primeira.

Na mensagem Humberto de Campos cita os mais destacados nomes que seguiram o rastro de Kardec. São eles, pela ordem de citação, tanto vale dizer, de importância: Camille Flammarion, Gabriel Delanne e Léon Denis, versando a cosmologia e a filosofia sob o ângulo espírita e "*inaugurando uma nova época para o pensamento religioso*".

Nem uma palavra, sobre Roustaing!...

Entretanto, um ano mais tarde, lá vem o mesmo Espírito, na segunda obra referida, dizer que o missionário Kardec "*contaria com uma plêiade de auxiliares de sua obra, destacados particularmente para auxiliá-lo, nas individualidades de Baptista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé, etc*"...

Agora Roustaing passou a perna naqueles três grandes vultos. É incrível que o Espírito do activo maranhense tivesse cochilado na pri-

meira mensagem. Como poderia ignorar, como ignorou, a segunda figura do Espiritismo, conforme a sua classificação, e que a F. E. B. hoje coloca ombro a ombro com Allan Kardec, se não um pouco acima?

Remetemos o leitor para o citado artigo de AURORA.

Agora seja-nos lícito registrar uma impressão que colhemos há muito tempo: a semelhança de estilo entre André Luiz, Humberto de Campos e Emmanuel, de um lado e as traduções da F. E. B., nestes últimos dez ou doze anos, do outro. Se se fizer um estudo metódico, além da linguagem demasiado rebuscada, encontraremos muitos similares nas páginas impressas e atribuídas àqueles Espíritos e a fraseologia dos dois mais "acreditados" tradutores da F. E. B. nesta fase.

Há um preciosíssimo de linguagem que não se compadece do nível cultural na massa espírita; há frases feitas e expressões de que fazem um emprego abusivo: dir-se-ia que são clichés. Em compensação as traduções contêm inúmeros lapsos, que denotam pouca segurança da língua original. Assim, por exemplo, expressões como estas: "*Deus não tem pontos de trevas*", quando no original o *point* não é ponto mas segunda negação; quando se pergunta se

o Templo pode usar o dinheiro da prostituição, que a lei condena e quando se diz que, na impossibilidade de recusa, seja tal dinheiro empregado na construção de sentinas, o tradutor verteu "guarda-robe" por guarda-roupa, o que é terrível ironia, mas altera o pensamento fundamental.

De cincadas que tais está cheia a obra traduzida pela F.E.B. O pior é que em muitos casos dá-nos períodos absurdos ou sem sentido.

Por tudo isto não é possível aceitar a inclusão de Francisco Cândido Xavier entre os médiuns que receberam mensagens pró-Roustaing. Além disso, os Espíritos que lhe têm ditado obras sabem quanto é delicado o problema e esperavam que o escândalo viesse a rebentar mais dia menos dia. Dando mostras de sua longanimidade, ladearam o assunto, deixando que os homens o resolvessem. Entretanto, cada vez mais a F. E. B. se afunda no erro imperdoável de torcer o pensamento de Kardec e até textos de Bíblia, não só para defender um ponto suspeitíssimo de doutrina, mas, já agora, para defender posições que foram tomadas de assalto.

Estamos convictos de que os directores da ex-Casa de Ismael não conseguiriam, perante ampla comissão de elementos anti-roustainguistas e de neutros, com a presença de médiuns viden-

tes de confiança, que Emmanuel, André Luís ou Humberto de Campos respondessem a um questionário apertado sobre a divergência Kardéc-Roustaing.

Quanto aos outros dois médiuns, senhoras dignas de todo respeito, é preciso que, como médiuns, sejam consideradas independentemente de sexo, porque a mediunidade é dom do Espírito.

Terminantemente suas mensagens não podem ser aceitas ou, pelo menos, não podem ainda ser aceitas.

Valer-nos-emos das palavras de Allan Kardec; estão contidas em "*O Evangelho segundo o Espiritismo*", traduzido pelo Doutor Guillon Ribeiro, antigo presidente da F. E. B. e tem o volume de onde extraímos o trecho a indicação de 3.^a edição de 1947. Falando da "*universalidade dos ensinamentos dos Espíritos*", lemos, à página 19 e seguintes:

"Não é essa, porém, a única vantagem, que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os cismas que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais contradições, não há negar, são um escolho; mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal."

“Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e pseudo-sábios, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das ideias e preconceitos terrenos; mas também é sabido que os *Espíritos enganadores não escrupulizam em tomar nomes que lhes não pertencem*, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, *as relações que cada um possa receber terão carácter individual, sem cunho de autenticidade*; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que *imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas.*”

“O primeiro exame probatório é, pois, sem contradição, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem excepção, tudo o que venha dos Espíritos. *Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com a lógica rigorosa e com os*

dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará este exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juizes únicos da verdade. Assim sendo, que hão-de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? *Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta.* De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de conseguí-lo.”

“A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos, acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.”

“Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as

revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns dos outros e em vários lugares."

"Vê-se bem que não se trata aqui de comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser enunciado, isto se dá espontaneamente em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo". Os grifos são nossos.

Como se vê esta passagem de Kardec se ajusta como uma luva ao caso Roustaing: é a sua dissecação. Assim, ainda, é o próprio Kardec quem responde ao Sr. Gomes Braga. Dois médiuns da mesma casa, submetidos à mesma influência intelectual e espiritual, tanto de encarnados quanto de desencarnados, não podem pretender que suas afirmações, contrárias ao bom senso, à razão e à universalidade de um ensino que, baseado nos factos, se tem continuado através de mais de vinte e cinco séculos, sejam levadas a sério, a não ser neste aspecto único: o grande mal feito à doutrina do Cristo e à Terceira Revelação, que a confirma.

Vejamos agora a segunda tése.

Ela já está implicitamente combatida pelas palavras do Codificador, citadas acima. No en-

tanto, vamos adicionar mais alguma coisa. Em "Génesis", de Allan Kardec, cap. XIV, n.º 36, páginas 338 e 339, na tradução de António Lima, publicada pela F.E.B. em 1935, lemos:

"Deve-se notar que as aparições tangíveis só têm as aparências da matéria carnal, mas não as suas qualidades; em razão da sua natureza fluidica, não podem ter a mesma coesão, porque na realidade não é carne. Elas se formam instantaneamente, e do mesmo modo desaparecem ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluidicas. Os seres que nestas condições se apresentam não nascem nem morrem como os outros; vêmo-los ou não os vemos mais, sem se saber donde vêm, como vieram, nem para onde vão; não se poderia matá-los, prendê-los, nem encarcerá-los, porque eles não têm corpo carnal; os golpes que lhes déssemos cairiam no vácuo".

"Tal é o carácter dos agêneres, com os quais se pode conversar sem se saber o que eles são, mas que nunca se demoram e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família."

No mesmo livro, cap. XV, n.º 65 a 67, páginas 400 a 402, temos:

"A vida de Jesus na terra apresenta dois períodos: o precedente e o seguinte à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até

ao nascimento, tudo se passa, com sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus actos, em sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, *apresenta os caracteres inequívocos da corporeidade*. Os fenómenos de ordem psíquica com ele produzidos são accidentais, e nada têm de anômalos, por se explicarem pelas propriedades do perispírito; encontram-se em diferentes graus, noutros indivíduos. *Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela um ser fluídico*. A diferença entre os dois estados é por tal forma acentuada, que não é possível assimilá-los.

“O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, e que diferem essencialmente da dos fluidos etéreos; a desorganização opera-se aí pela ruptura da coesão molecular. Um instrumento cortante, penetrando no corpo material, divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, param as suas funções, e a morte sobrevém, isto é, a morte do corpo. Esta coesão não existe nos corpos fluídicos, a vida não repousa sobre o jogo de órgãos especiais, e não podem produzir-se desordens análogas às que se produzem no corpo; um instrumento cortante, ou qualquer outro, penetra nele como num vapor, sem ocasionar lesão algu-

ma. Eis a razão por que essas espécies de corpo *não podem morrer*, e por que os seres fluídicos, designados por *agêneres*, não podem sofrer a morte.

“Depois do suplicio de Jesus, o seu corpo *líficou, inerte e sem vida*; foi sepultado como os corpos comuns, e todos puderam vê-lo e tocá-lo. Depois de sua ressurreição, quando quis deixar a terra, não tornou a morrer; seu corpo *elevou-se, apagou-se e desapareceu, sem deixar vestígio algum* — prova evidente de que esse corpo era de natureza diferente daquele que morrera na cruz, donde é preciso concluir, que *se Jesus morreu, é porque tinha um corpo carnal*”.

“Em consequência das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede de sensações e dores físicas, que se repercutem no centro sensitivo do Espírito. Não é o corpo que sofre; é o Espírito que recebe a repercussão das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado do Espírito a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito, que não tem corpo material, não pode sentir os sofrimentos resultantes da alteração da matéria, donde é preciso igualmente concluir que, *se Jesus sofreu materialmente, como não se pode duvidar, é porque ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de qualquer pessoa*.

66 — Aos factos materiais juntamos considerações morais poderosíssimas.

“Se Jesus estivesse, durante a sua vida, nas condições dos seres fluídicos, não teria sentido dor, nem nenhuma das necessidades corporais; supor que assim foi, é tirar-lhe todo o mérito da vida de privações e sofrimentos que escolheu para exemplo de resignação. Se tudo nele só era aparência, todos os actos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, a súplica a Deus para afastar de seus lábios o cálice, a sua paixão, a agonia, tudo, até ao seu último grito no momento de entregar o Espírito, não teria passado de um vão simulacro para enganar quanto à sua natureza e fazer crer no sacrifício illusório de uma vida, uma simples comédia indigna de qualquer homem de bem, e com maior razão de um ser tão superior; em uma palavra, ele teria abusado da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema, consequências que não são admissíveis, porque isso seria rebaixá-lo moralmente, em vez de elevá-lo.”

“Jesus teve, como toda a gente, um corpo carnal e uma corpo fluídico, o que atestam os fenómenos materiais e os fenómenos psíquicos que lhe assinalaram a vida.”

67 — Esta concepção sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século,

Apolinário de Laodiceia, chefe da seita dos *Apolinaristas*, pretendia que Jesus não tivesse possuído um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível*, que descera do céu no seio da Santa Virgem, e não nascera dela; que, por essa forma, Jesus não havia nascido nem sofrido, e que só morrera em *aparência*. Os Apolinaristas foram anatematizados no concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381.”

“Os *Docetas* (do grego *dokein*, aparecer), seita numerosa dos *Gnósticos*, que subsistiu durante os três primeiros séculos, tinham a mesma crença.”

Os grifos ainda são nossos.

Diante de tal clareza de exposição, o Sr. Gomes Braga fica entre as farpas do seguinte dilema: ou s. s. não conhece a obra de Allan Kardec, ou faz muito pouco caso do bom senso e da memória dos Espíritas. Numa, como na outra hipótese, s. s. revela-se como não estando à altura de um cargo na direcção que, por todos os títulos, deveria ter o Espiritismo no Brasil.

Se Allan Kardec se houvesse manifestado aos directores da F.E.B., a fim de se desdizer e apoiar a tese roustainguista, por certo não teria demonstrado degradação de seu carácter: aquela capacidade de minúcia, aquela precisão de análi-

se tê-lo-iam levado a encarar honestamente o assunto e, lizamente confessando seu equívoco, teria encarregado a direcção da casa de fazer aquela revisão em sua obra que, há já cerca de sessenta anos, a influência roustainguista em vão tentou executar, para adaptá-la aos interesses roustainguistas, tanto vale dizer, para entregar a direcção espiritual da doutrina ao anticristo.

E' por tudo isto que continuamos pensando que a Verdade está na Bíblia e que os espíritas precisam aí encontrá-la; que as palavras do Cristo não passarão e, por isso, não lhe cairão nem um til nem um jota: finalmente, que o roustainguismo é um equívoco, que precisa ser destruído quanto antes.

IV

N O PRIMEIRO artigo fizemos considerações gerais sobre o livro do Snr. Ismael Gomes Braga — ELOS DOCTRINÁRIOS — no qual s. s. tem o objectivo principal de convencer os leitores de que:

a) Roustaing foi um missionário auxiliar junto a Kardec, com a tarefa específica de organizar o trabalho da fé;

b) que Kardec não combateu a teoria de Roustaing;

c) que, posteriormente, como Espírito, a apoia;

d) que Jesus Cristo não foi homem;

e) que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje carácter de universalidade, porque foi confirmada através de três médiuns.

No segundo artigo refutámos o primeiro dos dez itens em que dividíamos o assunto, a saber: I — que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing, “encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores”.

No terceiro refutámos, com abundância de argumentos, duas teses, a saber :II — que a obra

exclusiva de Sra. Collignon tem hoje carácter de universalidade, porque os Espíritos a confirmaram através de três médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier; e III — que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus: apenas a pôs de quarentena; posteriormente como Espírito, a apoia.

* * *

Hoje consideraremos as seguintes: IV — *que Jesus Cristo não era homem, mas um agê-nere*; VII — *que “se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo fluídico de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria*; e X — *que quem nega que Jesus tenha sido um agê-nere nega também a codificação kardeciana, não é espírita.*

Antes, porém, de entrarmos na análise destas três teses, seja-nos lícito fazer algumas considerações tendentes a dar a compreender a nossa atitude e, do mesmo passo, atenuar os temores de alguns confrades muito tíbios, que julgam que estamos fazendo escândalo.

Tais confrades têm um modo singular de entender a função evangelizadora: acham que não se devem atacar os erros, pois isto seria, a seu ver, uma prova de intolerância; mas não ra-

ciocinam que, com o silêncio, estão endossando os mesmos erros; não pensam que as altas fontes que despejam ensinoss errados estão desviando criaturas do bom caminho; temem ofender aos “amigos” que confundem as próprias ideias, convicções e interesses com a Verdade e não temem ofender ao Mestre, que não se zanga e nem protesta, e cujo nome vive em suas bocas, mas cuja doutrina nem lhes encheu o cérebro nem lhes melhorou o coração.

Particularmente para os Espíritas o que mais deve interessar é aquilo que repercute no Espírito, que é eterno. Então nesta questão de falsificar versículos da Bíblia e adulterar as obras de Kardec, pode não haver escândalo para os Espíritos revestidos na matéria e mais preocupados com as exterioridades, com as aparências e com os proventos materiais e a importância das posições que ocupam, do que propriamente com a aquisição de conhecimentos e com a sua utilização, no sentido de se melhorarem e ajudarem os seus semelhantes e se melhorarem. Mas do outro lado, no plano espiritual, o escândalo rola há muitos anos.

Fosse alguém tentar discutir os mesmos pontos que estamos discutindo intra muros, nas salas da Avenida Passos, e seria convidado a não tocar no assunto, que é questão fechada; fosse uma

sociedade adesa à Federação Espírita Brasileira abordar a matéria em família, talvez acabasse expulsa, como foi o caso da Federação Gaúcha — por algo menos que isso.

Os roustinguistas não querem a discussão, porque o roustinguismo é uma fascinação, é uma obsessão colectiva, como obra do anticristo, que é. Por outro lado, a grande maioria dos dirigentes espíritas kardecistas ou ante-roustinguistas — perdõem-nos que lhes digamos — lêem bastante, mas não fizeram da doutrina um estudo sistemático, fichado, arrumado: parece que ignoram que ainda há muita coisa de Kardec que é desconhecida em nossa língua; que certos temas, es florados por ele, indicam que tinha em mente obras outras que sua moléstia não permitiu concluir, ou esboçar. E até hoje — salvo os seus contemporâneos Flammarion, Léon Denis e Delanne e, sob certo aspecto, Bozzano — não surgiu um Espírita que estivesse à altura da tarefa de continuador, para a qual é necessário um perfeito conhecimento da obra do Codificador e um conhecimento igual, senão maior, da Bíblia, como elemento imprescindível ao completo desenvolvimento da parte moral da doutrina, enfim para fazer, segundo a expressão feliz de Osvaldo Melo, *não Evangelho segundo o Espiritismo, mas Espiritismo segundo o Evangelho*.

Ora, os digirentes da F.E.B. não estão compreendendo a responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros. Parece que ignoram que o Espiritismo não foi codificado para se converter numa religião — o que fora desconhecer a origem e a função das religiões no seu aspecto social — nem, muito menos ainda, para combater as religiões existentes, mas para dar elementos científicos, filosóficos e morais que despertem a fé nos incrédulos e a fortaleza nos que a têm tibia e vacilante, nos que a têm apoucada. Esses nossos estimáveis confrades que vivem, assim, temerosos do escândalo, estão ajudando o maior escândalo dentro das hostes espíritas nacionais, pois é indiscutivelmente no Brasil que o Espiritismo tem tido o maior desenvolvimento na sua feição moral, quase diríamos religiosa, posto que aquilo que tem ganho em extensão, tenha perdido em profundidade.

A esses espíritas queremos lembrar o significado de escândalo. Assim o define o grande dicionário de Laudelino Freire: “ESCÂNDALO. S.M. Lat. *Scandalum*. Ocasão de erro ou pecado, especialmente quando produzida pelo mau exemplo. 2 — Aquilo que pode induzir em erro ou pecado. 3 — Indignação suscitada por acção ou palavra indecorosa. 4 — Ofensa, injúria. 5 — Pessoa ou cousa que escandaliza. 6 — Alvorço,

tumulto ou agitação a que dá causa um facto reprehensível.”

Diante disso, escândalo é a deformação de textos bíblicos, para servir a restauração de uma heresia velha de dezenove séculos, já combatida por alguns dos apóstolos de Jesus Cristo, principalmente por S. João.

Como querem agora esses Espíritas, que se dizem seguidores da doutrina do Cristo, que pretendem conhecer os Evangelhos, que a eles fazem referências em artigos de jornais e em discursos nas suas sociedades, que se faça vista grossa “*àquilo que pode induzir em erro*”, como não sentem “*ofensa, injúria, coisa que escandaliza*” nessa liberdade que os roustinguistas estão tomando de falsificar um livro respeitabilíssimo como é a Bíblia, de adulterar o pensamento e a palavra escrita de Allan Kardec, de aceitar instrução de Espíritos mistificadores, que tomam o nome dos Apóstolos, dos Evangelistas e do Codificador, para sustentarem uma tese que este combateu vivamente, e que não pode ser aceita por quem tenha sólida cultura evangélica?

Concordem que o escândalo não é nosso. Lembrem-se de que também houve quem se escandalizasse com os ensinamentos de Jesus Cristo. Mas

recordem as palavras do Narazareno em relação aos que viam escândalo no que dizia.

* * *

Os dias que estamos vivendo mostram que a humanidade tende para uma fé raciocinada. E’ a incompreensão desse aspecto do problema religioso o que produz o despovoamento das religiões dogmatizadoras e ritualísticas e o açodamento de seus sacerdotes, principalmente na Igreja Católica, contra a doutrina espírita.

E’ de lembrar que o Espiritismo brotou nos meios Protestantes os quais, indiscutivelmente — apesar das reservas que lhe fazemos — estadeiam um padrão de moralidade pessoal e religiosa que não pede meças nem aos Católicos, nem aos Espíritas. Nota-se ainda que o estudo sistemático da Bíblia, aliado à observação, ao estudo e à análise dos factos, está levando algumas denominações protestantes a se aproximarem do Espiritismo, prenunciando um entendimento e, quiçá, uma fusão em próximo futuro. E tal fenómeno não é ainda mais acentuado porque, de um modo geral, os Espíritas revelam um lamentável desconhecimento da Bíblia.

O trabalho do clero católico — posto algumas confrarias já se dêem ao estudo experimen-

tal do Espiritismo — é no sentido de sua destruição. E nós sabemos, pelo conhecimento experimental, pelo lado prático, que os Espíritos levam para o outro plano da vida as ideias, os cacoêtes e as idiosincrasias que os caracterizavam como homens. Não é, pois, de admirar que os Espíritos de padres católicos estejam empenhados nessa obra de mistificação e de desconhecimento da doutrina, para o que está concorrendo grandemente a teoria de Roustaing e a orientação prática que os magnatas do roustainguismo estão imprimindo nos espíritos mais ou menos simplórios, que ainda mantêm um respeito religioso pela antiga Casa de Ismael, hoje transformada em Sinagoga de Satã, como se deprende dos dispositivos de seus estatutos, que barram os kardecistas na participação de sua directoria e exigem a confissão expressa do credo roustainguista.

Os espíritas observadores têm encontrado inúmeras criaturas obsidiadas por Espíritos e, até, por falanges, de padres católicos; jámais as encontramos dominadas por Espíritos vindos dos meios protestantes. E porque? Porque em vidas tais Espíritos aprenderam a letra da Bíblia e souberam, ao menos, viver dentro da lei, embora não tenham penetrado todo o conteúdo espiritual que as suas letras encerram.

Ainda agora, uma das figuras mais respeitáveis que conhecemos, o Reverendo Othoniel Motta, pastor protestante, notável filólogo, espírito boníssimo e carácter adamantino, em artigo publicado na revista UNITAS, de Julho de 1948, diz o seguinte, que transcrevemos, data vénia:

“Diante disso, que disse eu? Disse que, se amanhã me provassem que, de facto, os desencarnados podem manifestar-se e pôr-se em contacto com os encarnados, a minha religião não sofreria com isso coisa alguma. Meu Salvador continuaria a ser o mesmo, ainda que um anjo do Céu me viesse dizer o contrário”.

“Disse, mais, que estando a questão no pé em que no-la deixaram homens como Richet e Flournoy, *é imprudência, com ideias preconcebidas, afirmar que o espiritismo não passa de fraude ou satanismo*. Se amanhã se provar que um desencarnado se comunica, sem a menor dúvida, com este mundo, a Igreja sofrerá muitíssimo no seu prestígio, assumindo agora uma atitude negativa e intolerante, como aconteceu no caso de Galileu, que lhe foi, é e será um espinho atravessado na garganta”.

“Isso disse e continuo a dizer”.

“Ora bem. A imprensa publicou há pouco um telegrama de Londres, que me deixou sur-

preso e que morreu no silêncio, quando eu esperava certo reboiço. Até agora estou esperando um pouco mais de luzes sobre o laconismo daquela notícia”.

“Resumidamente, dizia o telegrama que, pela primeira vez, havia sido publicado o texto em que a Igreja reconhece que desencarnados possam ser agentes nos fenómenos psíquicos. Mais ou menos isto. Não dizia qual era a *Igreja*; mais quando à palavra Igreja, mormente em nosso meio, não se ajunta nenhum adjectivo, subentende-se que se trata da Igreja Romana. Como porém, o telegrama vinha de Londres, é possível que se trate da Anglicana”.

“Seja como for, essa notícia me satisfaz, porque revela, segundo penso, uma sensata mudança de atitude numa corporação respeitável, que dessa forma, sem se comprometer com as doutrinas do espiritismo, esconde o flanco aos dardos que lhe viriam implacáveis, se acaso ficasse um dia provado o que os espiritistas afirmam”.

“E se querem saber todo o meu pensamento, direi que saudaria com efusão de alma o dia em que ficasse provado que a sobrevivência dos mortos é um facto de todo em todo incontestável. A apologética cristã, nesse dia, receberia, é claro, um poder tremendo para confusão da incredulidade. Num mundo cada vez mais céptico e gros-

seiramente materialista e ateu essa revelação seria água fria na fervura”.

Os Espíritas não se estarão preparando para os tempos que se aproximam, se não souberem superar suas próprias debilidades internas, assim individuais como colectivas, e das quais a maior é, por sem dúvida, a falta de conhecimento e consequente prática do Evangelho, para o que contribui a heresia docetista, hoje ressuscitada com o nome de roustanguismo.

* * *

Mas vamos às teses.

Diz a quarta *que Jesus não era homem, mas um simples agênere*.

Responderemos com a Bíblia. Assim lemos na chamada Bíblia da Bahia, a que nos reportamos no primeiro artigo:

— “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua gloria, a sua gloria como Filho unigenito do Pai, cheio de graça e de verdade”. João, 1: 14;

— “E visivelmente é grande o sacramento da piedade, com que Deos se manifestou em carne, foi justificado pelo espirito, foi visto dos anjos, tem sido pregado aos gentios, crido no mundo, recebido na gloria”. 1 Tim. 3: 16;

— “Porque também Christo uma vez morreo pelos nossos pecados, o justo pelos injustos, para nos oferecer a Deos, sendo sim morto na carne, mas resuscitado pelo Espirito”. 1 Ped. 3: 18;

— “Havendo pois Christo padecido na carne, armai-vos também vós-outros d’esta mesma consideração: que aquele que padeceu na carne cessou de peccados”. 1 Ped. 4: 1;

— “Nisto se conhece o espírito que é de Deos: todo o espírito que confessa que Jesus Christo veio em carne é de Deos”. 1 João, 4: 2;

— “E todo o espírito que divide a Jesus não é de Deos; mas este tal é o Anti-Christo, do qual vós tendes ouvido que vem, e ele agora está já no mundo”. 1 João, 4: 3.

— “Porque muitos impostores se tem levantado no mundo, que não confessão que Jesu Christo veio em carne. Este tal é impostor e Anti-Christo”. 2 João, 7.

As citações acima têm perfeita concordância com Bíblias respeitáveis em outras línguas, também referidas no primeiro artigo. Assim, transcrevendo na mesma ordem, apenas os trechos dos versículos onde aparece a palavra *carne*, lemos:

— Na King James Version (de 1611): “And the Word was made flesh”; — “God was manifest in the flesh”; — “being put to death in the flesh”; — “Forasmuch then as Christ hath suffered for us

in the flesh”; — “Every spirit that confesseth that Jesus Christ is come in the flesh is of God”; — “And every spirit that confesseth not that Jesus Christ is come in the flesh is not of God”; — “...who confess not that Jesus Christ is come in the flesh”.

— A Vulgata Latina, que não havíamos citado anteriormente, porque não a possuíamos, assim concorda: — “Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis”; — quod manifestum est in carne, justificatum est in spiritu”; — “mortificatus quidem carne, vivificatus autem spiritus”; — Christo igitur passo in carne”; — “omnis spiritus qui confitetur Jesum Christum in carne venisse ex Deo est”; — “et omnes spiritus qui solvit Jesum ex Deo non est”; — “qui non confitetur Jesum Christum venisse in carnem”.

A velha Bíblia italiana de Diodati, já anteriormente referida, diz: — “E la Parola è stata fatta carne, ed è abitata fra noi”; — “è stato manifestato in carne, è stato giustificato in spirito”; — essendo mortificato in carne, ma vivificato per lo Spirito”; — “che Christo ha sofferto per noi in carne”; — “ogni spirito che confessa Gesù Cristo venuto in carne, è da Dio”; — “E ogni Spirito che non confessa Gesù Cristo venuto in carne, non è da Dio”; — “molti seduttori, i quali non confessano Gesù Cristo esser venuto in carne”.

Agora, em lingua francesa, em vez de citar a Bíblia de Segond, como havíamos feito anteriormente, transcreveremos as passagens da Bíblia da Lemaistre de Sacy, de 1936, conforme o texto da edição de 1759, a mesma que foi usada por Allan Kardec. E o fazemos graças a solicitude de um amigo e confrade, que se interessou por nossos artigos. Eis as passagens, na mesma ordem: — “Et le Verbe a été fait chair, et il a habité parmi nous”; — “... qui s’est fait voir dans la chair, a été justifié par l’Esprit”; — “...étant mort en sa chair, mais étant ressuscité par l’Esprit”. — “...Jésus Christ a souffert la mort en sa chair;” — “Tout esprit qui confesse que Jésus-Christ est venu dans une chair véritable, est de Dieu;” — “et tout esprit qui divise Jésus-Christ n’est point de Dieu;” — “...qui ne confessent point que Jésus-Christ est venu dans une chair véritable”.

Não se pode desejar melhor concordância; contudo, se nos reportamos aos textos gregos, ali encontraremos sempre a voz *σαρξ* carne. Razão pois, tinha Allan Kardec para impugnar, como impugnou, que Jesus Cristo tivesse sido um agênerere. E se o leitor interessado não tiver lido nosso artigo anterior, onde fizemos transcrições da opinião do Codificador sobre a matéria, lembremos-lhe as seguintes passagens: *O Evange-*

lho Segundo o Espiritismo, (1) páginas 18 e seguintes, onde *apóia a autoridade de doutrina espírita na universalidade do ensino dos Espíritos*; e *A Génesis* (2), Capítulo XIV, n.º 36 e Capítulo XV, ns.º 65 a 67, onde Kardec estuda os agêneres e o corpo de Jesus, antes e depois de sua morte, para concluir, com argumentos de ordem científica, baseado em trabalhos experimentais e, ainda, com argumentos ponderosos de ordem moral, que Jesus Cristo não foi um agênerere.

O próprio Sr. Gomes Braga traduz um artigo de Allan Kardec, no qual há trechos de uma conversa do Codificador com o Espírito de São Luís, a propósito de bi-corporeidade e de agêneres. Assim, no livro que estamos discutindo, lemos, à página 43 e seguinte: “5. Raros ou não, basta que tais factos ocorram para merecerem atenção. Que sucederia se, tomando um tal ser por um homem ordinário lhe fizessem um ferimento mortal? Seria morto? — R. *Ele desapareceria subitamente como o jovem de Londres*. (Veja-se o número de Dezembro de 1858, de *Revue Spirite*. “Fenómeno de bi-corporeidade”. Mais adiante, à página 46, temos: “14. Se tivéssemos um desses seres em nosso interior, *seria isso um bem ou um mal?* — R. *Seria antes um mal*; demais, *não se podem manter longas relações com esses seres*. Nunca será demais repe-

tir-vos que *esses factos são extremamente raros e nunca têm carácter de permanência*. As aparições corporais instantâneas, como as de Bayonne, são muito menos raras."

Repare o leitor que é um artigo de Allan Kardec, onde o autor reproduz um diálogo mantido com o Espírito de São Luís, que foi um dos instrutores para a obra de Codificação da doutrina.

Ora, se Kardec houvesse posto o assunto de quarentena, não teria publicado esse artigo e, quiçá, outros mais; não teria escrito as passagens citadas pouco acima, principalmente a que se acha em *A Gênesis*.

* * *

Assim, pois, a tese roustanguista está inquestionavelmente contra as afirmações do Novo Testamento e contra aquilo que, reiteradamente, sustentou Kardec. Entretanto nos ELOS DOUTRINÁRIOS diz o Sr. Gomes Braga, à página 17, que *"as três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento, Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício"*.

Quer isto dizer, desde que não nos afastemos da lógica e levemos em conta quanto diz

em várias passagens, entre as quais destacamos esta, que *"vários enviados (messias) desceram à Terra, procuraram dois iniciados encarnados na França, e lhes retransmitiram o Evangelho de Jesus-Christo, restabelecendo-o, explicando-o, para duas obras que se completam, porém, cada uma destinada a um público, conforme prometido para a época da vinda do Consolador:*

I — realmente as três revelações se completam e *"formam um todo inseparável e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício"*;

II — Roustaing o abalou em uma dessas partes — o Novo Testamento — aceitando comunicações de Espíritos mistificadores, que afirmaram coisas em contrário àquela parte da Bíblia; mas,

III — as coisas do Novo Testamento, no seu contexto, confirmam passagens do Velho Testamento ou, por outras palavras, este profetiza e aquele confirma a profecia; assim sendo,

IV — as alterações fundamentais, que o roustanguismo introduz no Novo Testamento, abalam infirmando, ou indirectamente alterando, o Velho Testamento;

V — a obra de Allan Kardec está em perfeita concordância com a Bíblia e, em consequência, não concorda com a de Roustaing.

Assim sendo, é Roustaing quem abala as três peças daquele monumento e, pelo visto, o Sr. Ismael Gomes Braga — e com ele os actuais dirigentes da Federação Espírita Brasileira — se acham metidos em tremenda contradição. Como o Sr. Gomes Braga não admite que se toque nesse monumento, sob pena de não ser considerado Espírita, nós agora concluimos: *os roustainguistas não são espíritas, porque não são cristãos.*

E' uma pena que tanta gente bem intencionada esteja sendo empolgada pelo brilho de lan-tejoulas, por esse falso espiritismo que é o rous-tanguismo — nem cristão, nem kardecista.

Passemos à tese seguinte.

A afirmação de que *“se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo fluídico de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria”* é de uma leviandade e de um atrevimento que custa a crer que a tivesse feito o distinto Sr. Gomes Braga.

Tanto no primeiro, como neste artigo fizemos citações relativas ao corpo de Jesus, extraídas de Bíblias autorizadíssimas. Inicialmente não citámos a Vulgata Latina e a Bíblia francesa de Saci porque não as possuíamos. Tanto que foi possível obtê-las, a elas nos reportamos. No entanto, queremos dizer aos que porventura te-

nham notado esta lacuna que as edições actuais de Vulgata Latina andam um tanto *simplificadas*, sendo aconselhável muito cuidado no seu manuseio. Baste dizer que já não trazem as edições dos últimos tempos o prefácio de São Jerónimo, onde claramente reconhece o princípio reencarnacionista, que o Vaticano condenou como heresia.

Ora todos os textos que citámos vêm de traduções directas dos originaes gregos, que reputamos os melhores. Em nenhuma dessas citações há a forma condicional, há a dependência de uma confirmação posterior, em nenhuma se pede o endosso futuro da doutrina espírita para que aquelas duas Revelações tenham validade.

* * *

Agora a última tese de hoje.

Diz ela *que quem nega que Jesus tenha sido um agênera nega também a codificação kardeciana, não é espírita.*

Tese absolutamente falsa. A codificação espírita é dita kardeciana, porque seu coordenador foi Allan Kardec. Este não criou uma teoria: deduziu-a de milhares de mensagens, dadas a centenas de médiuns, em dezenas de lugares; utilizou o material onde havia concordância; teve

médiuns da estatura de um Camille Flammarion, nome que dispensa adjectivos, e que recebeu boa parte das mensagens de *A Génesis*. Nesse livro, bem como em artigos da *Revue Spirite*, combateu vivamente a tese de Roustaing, negando peremptoriamente que Jesus tenha sido um agênerre. Em nenhuma das obras dos grandes vultos que colaboram naquela primeira fase do Espiritismo encontram-se referências à tese de Roustaing; nem em Flammarion, nem em Léon Denis, nem em Gabriel Delanne. A própria Sra. Collignon, como bem o confirma o Sr. Ismael Gomes Braga, não aceitava como autênticas, como legítimas, como verdadeiras, as mensagens saídas de sua própria pena.

Em resumo, segundo o *ukase* do ilustrado Sr. Ismael Gomes Braga, nenhum desses nomes se inclui entre os espíritos; não eram espíritos — nem o próprio Allan Kardec!

Que tremenda confusão na mente dos roustanguistas!

Bem razão tínhamos de fechar o primeiro artigo com aquela parábola do Evangelho de Lucas, Capítulo XX. Ela tem um réplica em Mateus, que diz em XXI: 43 — “*que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê aos seus frutos.*”

Nas sociedades espíritas esta parábola dos lavradores maus precisa ser lida todos os dias,

até que dela haja compenetração. Porque ninguém fugirá da lei; quando mais dela nos afastarmos, mais a ela nos sentiremos presos. E os roustanguistas precisam tomar tento para que, mais tarde, como Espíritos, não tenham que verificar, no sofrimento e demasiadamente tarde, que bem razão tinha o grande iniciado florentino quando disse:

“Nessum maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria”.

(1) Traduzido pelo Dr. Guillon Ribeiro e publicado pela F.E.B. em 1947.

(2) Traduzida por António Lima e publicada pela F.E.B. em 1935.

(3) Estava escrito este artigo quando o Correio nos trouxe um belíssimo exemplar da Bíblia em Esperanto, com uma gentil oferta do Sr. Ismael Gomes Braga. Aqui reitero meu sincero agradecimento, ao mesmo tempo que faço um registro doloroso para o Sr. Ismael: em todas as passagens citadas, a Bíblia em Esperanto concorda com as nossas citações em português, francês, inglês, italiano, latim e grego. Já é peso!

V

Nos quatro artigos anteriores tivemos oportunidade de apreciar os seguintes pontos do livro do ilustrado prof. Ismael Gomes Braga, intitulado "ELOS DOUTRINÁRIOS", onde s. s. sustenta:

I — que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing, "encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores;"

II — que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje carácter de universalidade, porque os Espíritos a confirmaram através de três médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier;

III — que Allan Kardec não combateu a teoria de corpo fluídico de Jesus: apenas a pôs de quarentena; posteriormente, como espírito, a apoia;

IV — que Jesus Cristo não era homem, mas simples agênere;

VII — que "se não fosse confirmada a natureza excepcional de corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria;"

X — que "quem nega que Jesus tenha sido um agênere nega também a codificação kardeciana; não é espírita."

Analisando ponto por ponto a matéria contida nestas teses, deixámos claro que: I — fé é questão de foro íntimo e, pois, não pode ser organizada por terceiros; II — três médiuns apenas e da mesma casa, ou submetidos às mesmas influências, não podem marcar o carácter de universalidade e, conseqüentemente, de veracidade, de uma afirmação; tanto mais quanto não há uma mensagem expressa, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, sustentando a tese roustainguista; é sabido que a Federação Espírita Brasileira tem "colaborado" nas mensagens deste médium e à sua revelia e, até, depois de publicadas, quando feita nova edição; III — Allan Kardec e, com ele, muitos espíritas franceses, combateram tenazmente a teoria de Roustaing; citámos passagens da obra kardeciana, até mesmo em edições publicadas pela F. E. B.; negámos qualquer carácter de autenticidade a mensagens atribuídas ao Espírito de Allan Kardec, já porque tais mensagens importavam profunda modificação de conceitos em sua obra — coisa que o Espírito não fez — já porque aquele missionário não é um troca-tintas ou um salta-pocinhas que

levianamente fizesse uma afirmação não documentada, não argumentada, em contrário à sua própria obra, que é um modelo de equilíbrio, de lógica e de bom senso; IV — negámos, baseado na Bíblia e na obra kardeciana, quaisquer elementos para se afirmar que Jesus Cristo tivesse sido um agênere; V — negámos que as duas Revelações — o Velho e o Novo Testamento dependessem, para serem tomadas como legítimas, de que o Cristo tivesse tido um corpo de natureza excepcional, o que contraria as profecias do Velho Testamento e as reiteradas afirmações do Novo; VI — negámos ainda que quem nega que Jesus tivesse sido um agênere nega a codificação kardeciana e não é espírita, “pois o próprio Kardec o negou, apesar de ser ele Codificador da Doutrina Espírita.

Como se vê mais uma vez, a obra do ilustrado professor, como aliás a de todos os roustanguistas, está inçada de contradições. Nós até o reptamos a que exhibisse os artigos de Kardec, de apoio ao roustanguismo — mas em cópia fotostática do original, única maneira aceitável, a vista de certos antecedentes.

* * *

Passemos, então, a outros itens. Vejamos hoje os seguintes:

VI — que “*as três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício*”; a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto;

IX — que “*negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias*”.

A primeira parte de tese VI é justa; a parte final é falsa. E o é porque a obra de Roustaing não pode ser, a justo título, considerada como parte integrante da Doutrina: esta é cristã e a obra de Roustaing é anti-cristã; representa um transviamento, a restauração de uma heresia que já fora combatida desde o tempo dos Apóstolos, como se pode ver em inúmeras citações nas Epístolas de João, de Paulo, de Pedro; no Evangelho de João; nos Actos dos Apóstolos. Já dissemos reiteradamente que aquela obra procura abalar a solidez de um monumento monolítico, como é a Bíblia. O grande advogado deixou-se empolgar pela ideia de se notabilizar através da Doutrina Espírita. Mas o seu empolgamento não era por levar o conhecimento da Verdade um pouco mais além, como não era uma contribuição para o melhoramento da criatura humana: era fazer-se grande, célebre, mais célebre e maior que Kardec.

Não se depreenda daí que queremos fazer do Codificador um semi-deus, nem que o tomemos como uma réplica de pretensa infalibilidade vaticânica. Mais é fora de dúvida a profunda contradição entre as duas figuras. Kardec fez obra impessoal: nada inventou; não criou uma escola — apenas reuniu uma casuística abundantíssima, de vários lugares e inúmeros médiuns, classificou os factos, analisou os fenómenos à luz de critérios científicos, fez ciência experimental e de observação. E como de toda ciência é sempre possível, *a posteriori*, tirar uma filosofia, o Espiritismo, como ciência que é, permitiu os lineamentos de uma verdadeira filosofia, tanto mais geral e profunda quanto mais é certo que os fenómenos espíritas alcançam as mais amplas e variadas manifestações da vida universal.

Não assim Roustaing.

Pretendeu, segundo o Prof. Gomes Braga, "*organizar o trabalho da fé*," desorganizando, adulterando, desrespeitando o maior monumento da fé — a Bíblia. E este paradoxo foi lançado num meio culto como era o francês, e num período marcado por figuras brilhantes e excepcionais no terreno da psicologia, da filosofia, da crítica histórica, da filologia, da psiquiatria e da neurologia, cujos trabalhos eram conduzi-

dos à base da segura experimentação, do raciocínio claro, do criticismo rigoroso.

Kardec era médico, tinha cultura geral sólida, extensa e profunda. Enfrentou os seus opositores materialistas, positivistas, agnósticos, católicos, cépticos e protestantes. A todos respondeu com argumentos irretorquíveis.

E Roustaing?

Nada provou. Sua obra, desnecessariamente extensa e fatigante, poderia ser perfeitamente reduzida à quinta parte. Parece que a extensão visou apenas prender o leitor e desviar, através do cansaço, seu senso crítico. E' o tipo da obra de rábulas solertes, que visam, acima de tudo, *ganhar a questão* e para os quais todos os sofismas e embustes são bons, desde que não se vejam descobertos. Ela prima pela falta de método, pela ausência de critérios científicos. Tanto que a tradução brasileira feita pela F.E.B. procurou *tapar os buracos* e *dourar a pílula*, para o que chegou ao cúmulo de adulterar versículos da Bíblia, no vão esforço de dar uma aparência de lógica ao raciocínio canhestro.

Todos os Espíritas — kardecistas ou não — nos devemos capacitar de que o Espiritismo está chamando a atenção do mundo culto como fenómeno; estes são susceptíveis de generalizações tais que conduzam o homem *à fé pela razão*. Por outro lado, quanto mais as ciências progridem,

mais se confirmam os postulados da Bíblia. E ninguém, com uma dose regular de bom-senso, terá a ousadia de alterar os seus textos, torcer passagens ou adulterar velhas fontes. Excepção única: padres católicos de fala portuguesa e os roustinguistas do Brasil.

No mundo actual o cristianismo puro está chamado cada vez mais a tomar o lugar que estava ocupado pelo formalismo religioso, porque é ao cristianismo que cabe resolver os problemas humanos, em âmbito interno como em plano social. E' que, no dizer de Stanley Jones, no seu magnifico "CHRIST AND THE PRESENT WORLD ISSUES", *"nós não podemos ser religiosos como seres individuais se não o formos como seres sociais, porque a vida é una. Ela é vascular: onde quer que seja cortada, sangrará"*. E mais adiante acrescenta: *"Por isso a Igreja parece confusa e temerosa. Suas velhas razões de ser já não são adequadas. Ela terá que ser devocional num sentido mais largo, ou não o ser absolutamente. Se ela deve salvar-se da acusação de que a religião é ópio — a envenenar a criatura com a devoção e a emoção — deverá então ajustar suas devocões aos largos problemas do bem-estar humano e erigir os seus santuários no coração dos problemas humanos"*.

O Reverendo Stanley Jones, actualmente a mais nobre figura do protestantismo mundial, o

grande missionário da India, dá-nos, nestas poucas linhas, as tarefas da Doutrina Espírita Cristã.

Nós precisamos tudo fazer para nos tornarmos dignos depositários, ou herdeiros, dessa imensa e nobre tarefa. E só o seremos com um estricto, um absoluto apego à verdade e um inquestionável respeito ao grande livro que é a Bíblia. Essa deformação consciente da Verdade da Bíblia, ainda não recebeu dos profitentes — católicos e espíritas — a repulsa na altura, o protesto solene, público, bem calmo e bem alto, porque em geral o povo, tanto em Portugal quanto no Brasil, desconhece o grande livro fundamental de sua crença. Este abuso dos falsificadores pode dar um prestígio extenso, mas pouco profundo. Tanto isto é verdade em relação ao Espiritismo, que a F.E.B. deixa esgotadas as poucas obras científicas já traduzidas e engavetadas aquelas cujos direitos porventura tenha adquirido. Tirantes as obras de Francisco Cândido Xavier, pouco se recomenda de sua produção nos últimos vinte anos.

E' por isso que muita gente de certa cultura faz espiritismo isoladamente; por isto a F. E. B. não tem prestígio para atrair as camadas mais cultas; por isto não tolera os congressos. Seus dirigentes têm intuição de sua fraqueza e não

querem expor o flanco: maior que seu amor à doutrina é seu apego às posições.

* * *

Como prova de que a obra de Roustaing é mesmo uma das mais grossas mistificações de que já foi vítima uma sociedade, damos adiante a mensagem obtida num centro espírita no Rio de Janeiro, em 1921, do próprio Espírito de Jean Baptiste Roustaing (1). Antes, porém, seja-nos lícito prestar uma homenagem a um médium honesto: o saudoso Porfírio Bezerra Filho, fundador do Centro Espírita Cristófilos, no Rio (2).

Porfírio cegou num desastre. A dor levou-o para o Espiritismo, onde desenvolveu preciosas faculdades mediúnicas: tinha a clarividência, a clariaudiência, a incorporação total, a psicografia semi-mecânica, a inspiração ou incorporação subtil; via as auras das criaturas, como via os órgãos internos e a cor do som. Aprendeu a doutrina depois de cego, ouvindo a filha pequena ler os livros fundamentais. Era um primoroso dirigente e doutrinador.

Muito aprendemos com ele.

Em 1924 pediu que comparássemos as obras originais de Kardec com as traduções em português: tinha em suspeita estas últimas. Era, ao que percebemos, um aviso de seus guias, entre

os quais noticiámos, por vezes, Bezerra de Menezes, o Max.

Tivemos certeza e esperámos; esperámos vinte e cinco anos. Porfírio já passou para o outro plano da vida, sem que lhe tivéssemos atendido ao pedido. Fazemo-lo agora. E ele sabe com que tristeza o fazemos — mas o fazemos no cumprimento de um dever — preferindo ferir pessoas a ferir o Mestre.

Agora a mensagem. Ei-la:

CONFISSÃO DA MISTIFICAÇÃO

por J. B. ROUSTAING

Do livro "*Páginas de Além Túmulo*", 3.^a edição —
Rio de Janeiro — 1939.

Médium: Carlos Gomes dos Santos

"GUTTA CAVAT LAPIDEM"

(Confiteor)

"Que as as harmonias espirituais se façam em nossas almas são os meus mais ardentes desejos.

"Irmãos, da mesma forma que a gota da locução consegue furar a pedra, eu, gota animada do espírito, também hei-de conseguir, por mercê de Deus, arrasar a edificação, em muitos pontos falha, que a minha fragilidade, aliada a

outros do Espaço, architectou, na melhor das intenções, porém sem reflexão.

“Sou, meus irmãos, uma pobre alma, que seria contada no número das que já desfrutam a felicidade integral, se em mim, na minha consciência, não pairasse um cúmulo de desgostos.

“Quando entre vós, nas mesmas condições vossas, tendo sido despertado de minha cegueira moral pelos lampejos brilhantíssimos da Luz Divina a nós ortogada por intermédio do missionário a que todos veneramos, sob a designação de Allan Kardec, quis também seguir-lhe as pisadas e, para tal o fazer, depois de acurado estudo do que ele já havia conseguido dos Espíritos reveladores, pensei alguma coisa construir que, se não o ultrapassasse, pelo menos muito concorresse para a conquista da glória, que tanto me agitava.

“Pensei — de mim para mim — por que sòmente a ele fora concedida a gloriosa tarefa de rasgar ao mundo o véu negro que esconde o brilho da luz diamantina que ilumina as almas? Por que não a outro, de boa vontade, também aspirante das recompensas porvindouras?

“E nestas conjecturas caminhava eu... quando, por uma circunstância toda espiritual, fui induzido à execução do plano que em mim agasalhava. Então, comecei por realizar o meu

intuito, sim o meu intuito, que não era precisamente meu; não vos admireis desta negativa, porque vos declaro à face da verdade, que eu nada mais era, naqueles instantes, que instrumento dos inimigos invisíveis da verdade, que das sombras misteriosas do Além se aproveitavam da minha irreflexão para toldar, como se fora isto possível, a brilhantura da água cristalina que emanava daquela fonte maravilhosa de que vos falei. Sim, não vos admireis — repito — que tenha servido de veículador da confusão, eu que tanto ansiava pelo destaque entre os meus pares.

“É infelizmente esta a triste verdade que confesso neste momento, como hei confessado já noutros pontos, onde me tem permitido Deus que eu faça o meu aparecimento. Mas, irmãos, quereis ver até onde vai a minha tortura? Pois bem: em quase todos os meios onde tenho feito esta sincera confissão, tenho sido repellido por aqueles que, na melhor das intenções, porém despercebidos, vão se envenenando na fonte impura dos ensinamentos que hei deixado.

“Fui, meus irmãos, um joguete dos inimigos da Luz-verdade; pois foram eles os autores responsáveis de tudo quanto fiz, contrariando a doutrina lídima que vinha sendo ensinada por Allan Kardec.

“Mas — direis — tenho bebido, através do vosso feito, a água pura da verdade. E responder-vos-ei: Não, irmãos, a água pura que bebeis, através do estudo de minha obra, não é minha, não foi obtida por mim. Esta é dele, porque eu e os que me induziam a semelhante atentado, quando não podíamos de todo contrariar, imitávamos, dando, todavia, ao que imitávamos, uma aparência de novidade verdadeira.

“Hoje, porém, que se me depara mais uma ocasião de falar aos homens, venho, olhos d'alma fitos do Pai Universal, dizer-vos que mal andei tentando obumbrar a Luz brilhantíssima que irradiava do farol divino que é Allan Kardec.

“Irmãos, por caridade, ouvi-me:

“A verdade está no que vos legou e não no que vos hei deixado. Lembrai-vos que há, como sempre houve, usurpadores dos alheios direitos, como das alheias glórias; e eu, confesso, fui um deles.

“Assim, amigos, desta outra face da vida, em benefício vosso e também no meu próprio, suplico-vos abandonardes a fonte má que aí deixei e voltardes para aquela, donde emana a pureza que é a verdade, esta mesma Verdade que é a Luz.

“Abri pressurosos os tesoiros kardecianos e esquecei — peço-vos, o que aí ficou do pobre e muito pobre

ROUSTAING.

“Que Deus vos esclareça para poderdes caminhar, sem maiores tropeços, em busca da felicidade eterna.

“Adeus!”

* * *

Que o leitor faça uma pausa e medite. E se, porventura, lhe restarem dúvidas quanto a sua autenticidade, examine o seu conteúdo, abstração feita de sua autoria. Entretanto, para chamar a atenção para certos ângulos da magna questão para os Espíritas Brasileiros, vão aqui algumas opiniões de figuras destacadas do Espiritismo, nacional e internacional.

“Jesus não precisava de nascer e viver só fluidicamente, porque Ele sabia, já, que a sua matéria nunca sofreria as fraquezas terrenas”.

CAIBAR SCHUTEL.

“Se a França, berço da Terceira Revelação, espalhou pelo mundo inteiro as obras imortais de Allan Kardec, sepultando a outra de J. B. Roustaing, não há motivo, no mundo novo, de ressuscitar a segunda. Nós, do Alto, atribuímos

essa tentativa à ignorância, ou à cegueira de poucos irmãos, muito longe da luz do Mestre.”

JEAN MEYER (3)

“Pelo facto de que há boas criaturas que acreditam na virgem Maria e no Cristo fluídico, não se deve deduzir que semelhante comunicações do astral sejam racionais. Não tendes na Terra quase 400 milhões de católicos que baixam a cabeça ao dogma? Tudo isso, pelo contrário, prova que o vosso planeta expiatório está ainda de infância, ao ponto de imaginar que Allan Kardec possa ser superado por J. B. Roustaing.”

GABRIEL DELANNE.

Se Kardec é no espaço um astro de infinito esplendor, que eu acompanho como satélite, ainda e sempre, onde resplende o autor da “revelação das revelações”? Deviam já ter emudecido os apologistas do segundo, ofuscado pela luz do primeiro.”

FLAMMARION.

“O pensamento terreno, circunscrito à célula em que vive, difere, muitas vezes, no espaço. Aqui, onde não há véus que limitam a vista, compreendemos, finalmente, a personalidade do Cristo, Sol e Dominador das trevas, sem necessi-

dade de ser discutido em várias maneiras pelos mortais.

Duas frases são suficientes para defini-lo: “O Verbo fez-se carne” e “Eu sou o filho do homem”.

Nestas duas frases que abrangem maravilhosamente a trajectória de todas as criaturas, está a grandiosa, de Jesus.

Nessa verdadeira trajectória nunca ele se valerá de privilégios que desvalorizam a missão específica do Cristo, porque a grandeza do Missionário Celeste está na sua adaptação ao planeta a redimir, praticamente, como Evangelizador e Civilizador dos povos primitivos.

Disse tudo quanto Deus me permitiu afirmar do espaço, nessa hora de inúmeras provas do vosso planeta.”

BEZERRA DE MENEZES.

Por fim, de uma carta do Prof. Ernesto Bozzano, datada de 18 de Fevereiro de 1939, dirigida a Rango D’Aragona:

“Voltando à figura do Cristo, que aí querem rebaixar às fantasias de um desconhecido como J. B. Roustaing, se você leu a minha mensagem ao Congresso Espiritualista de Barcelona, constatará novamente o meu pensamento.

O maior profeta de Deus, ou o maior iniciado, que se queira chamar, Ele ficará luz e guia do nosso planeta.

Acho que os espiritualistas brasileiros, como os ingleses, se preocupam mais em conciliar as instituições “religiosas” com as convicções espirituais”, o que é impossível. Entre as instruções “dogmáticas” — seja qual for o seu credo — e a “liberdade de pensamento” de um autêntico espiritualista, não podem existir acordos.

O dogmatismo nunca abjurará os seus direitos baseados sobre o princípio de autoridade; o que nunca se dará com o Espiritismo, baseado no princípio da revelação contínua.

O caso de J. B. Roustaing, sob o título absoluto “*A Revelação das Revelações*” é, portanto, um facto “dogmático”, feliz e universalmente liquidado”.

Parece que estes nomes dispensam carta de recomendação.

* * *

Como se vê, a mensagem da Roustaing é a voz de uma consciência atribulada, é o grito de remorso de um Espírito que está medindo, pelo seu, o sofrimento dos que andam, através de sua obra anticristã, a desviar criaturas; é o

brado de um Espírito cuja vaidade o arrastou, o empolgou, a ponto de falsear os ensinamentos evangélicos com o objectivo de tornar-se célebre. Quem acompanhou a nossa argumentação, quem leu as citações feitas dos textos bíblicos, quem leu doutrina espírita, quem conhece bem a obra kardeciana, não porá em dúvida a legitimidade desta comunicação.

Deste modo cai também a outra tese que diz

IX — que “*negar fé a obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias*”.

O fim do Espiritismo é esclarecer os indivíduos, para que cada um atinja a maioridade espiritual, marche por si mesmo, adquira energia própria, cresça e suba pelos meios que a Bíblia oferece: obediência à lei de Deus, como meio de estabelecer as condições indispensáveis para tomar a Jesus Cristo como modelo e entrar em contacto com os seres já mais evoluídos, dos planos acima do nosso. Esse modelo, pois, não pode ser o falsário, o simulador apresentado pelo Sr. Roustaing. O fim do Espiritismo não é substituir dogma por dogma, padre por padre, chefe por chefe, sem oferecer às massas algo que as melhore; não é manter rebanhos ignorantes de

sua própria doutrina, a dizer *amém* aos leguleios de sacerdotes, com ou sem batina — mas seguramente sem o Evangelho e sem a Verdade.

(1) A mensagem foi dada espontaneamente, no Centro "Família Espírita", Rua do Carmo 15, Rio de Janeiro e publicada num opúsculo de distribuição gratuita, pelo director — fundador daquele Centro, cujo nome citamos com muito agrado e com muita saudade — Mariano Rango D'Aragona, destacada figura de lutador espírita.

(2) Este Centro fica no Catete, à Rua Pedro Américo, n. 22.

(3) Jean Meyer foi uma notável figura do Espiritismo na França, um dos directores da Sociedade fundada por Allan Kardec; fundou o Instituto Metapsíquico Internacional, a União Espírita Francesa, a Sociedade de Estudo Metapsíquicos e a Casa dos Espíritas, além de organizações de assistência. Foi Vice-presidente do Congresso Espírita Internacional, reunido em Londres de 7 a 12 de Setembro de 1928.

VI

Nos artigos anteriores, de análise do livro do ilustrado sr. Ismael Gomes Braga, intitulado "ELOS DOCTRINÁRIOS", havíamos-nos proposto discutir os dez itens em que se podiam agrupar as mais importantes afirmações nele contidas; e o fizemos na seguinte ordem:

(a) no segundo:

— que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo sr. Roustaing, "encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores;"

(b) no terceiro:

— que a obra exclusiva da sra. Collignon tem hoje carácter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três médiuns: Zilda Gama, Américo Delgado e Francisco Cândido Xavier;

— que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus, apenas a pôs de quarentena; posteriormente, como espírito a apoia;

(c) no quarto:

— que Jesus não era homem, mas um simples agêneres;

— que “se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria;”

— que “quem nega que Jesus tenha sido um agênera nega também a codificação kardeciana, não é espírita;”

(d) no quinto:

— que “as três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício;” a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto;

— que “negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias.

Todas estas teses foram refutadas honestamente e sem subterfúgios.

Hoje chegamos ao fim do exame. Restam duas teses que dizem:

V — *que a obra de Kardec era destinada aos crentes e a de Roustaing às pessoas de cultura; e*

VIII — *que “está sobrejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec, e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo,”*

Temos que as estudar hoje para concluir no próximo artigo.

A tese n. V do sr. Braga divide a família espírita em duas: gente crente e gente culta, assim como se dissesse: gente ignorante e gente ilustrada, gente estúpida e gente talentosa, ou ainda gente que tem fé e gente que a não tem, Notáveis os roustanguistas! Para essa gente culta, ilustrada, talentosa e sem fé, a lógica não existe. S. s. disse de começo que Roustaing era missionário auxiliar de Kardec; depois insinua que está no mesmo plano de Kardec; agora o *bâtonnier* está um pouco mais acima: é o mentor, o patrono e o oráculo dos espíritas granfinos. Isto é a entronização anticristã do separatismo espiritual.

Esta contradição vem mostrar que o roustanguismo é mesmo a doutrina do anticristo e que a casa dos roustanguistas se transformou na *Sinagoga de Satã*, pois, conforme os Evangelhos, *haverá um só rebanho*, enquanto que para eles *haverá dois*: os dos que tem fé e os dos que têm prosápia, o dos que fazem obras e pregam a fraternidade e o dos que falseiam as obras e se constituem em dominadores de seus semelhantes.

Não são estas expressões de ataque; são expressões de factos. São as declarações de um director da F. E. B. e os exemplos sistemáticos dessa organização.

Querem a prova?

Aqui a temos; foi por um abuso de confiança, tomando procurações dos kardecistas votantes, que se deveriam reunir em assembleia, na qual seria eleita a direcção da F. E. B., que, num golpe baixo, os roustanguistas assaltaram o poder; feito isto, reformaram os seus estatutos, introduzindo um dispositivo que exige a confissão do credo roustanguista para poder participar do conselho e da directoria; ainda pelos estatutos, a directoria completa o conselho e este elege a directoria. Vejam-se Art. 2.º, letra *a* e Art. 36.º, § 3.º.

Se houvesse essa unidade de vistas, que o sr. Ismael proclama, se não houvesse uma divisão de águas, estabelecida pelos roustanguistas, os kardecistas não encontrariam ali as portas trancadas. Se ali forem, não se lhes pede colaboração mas subserviência: que vão para os estábulos de Áugias, sem esperança de um novo Hércules.

Por isso dizemos, com sobradas razões, que a F. E. B. explora o nome de Kardec e o prestígio de suas obras, para fazer, à custa do Codificador, a propaganda do roustanguismo. Até hoje os espíritas de fala portuguesa não dispõem de uma edição fiel e completa dos escritos de Allan Kardec; ao contrário, enquanto duas e três de suas obras ficam esgotadas durante anos, a F. E. B. cata trechos de livros do mestre francês, para se

aproveitar da expressão de seu nome e enxertar, subrepticiamente, a propaganda do roustanguismo, que Kardec combateu decididamente. Isto pode ser visto numa obra que Kardec não escreveu, mas que o Dr. Guillon Ribeiro traduziu — *Introdução ao estudo da Doutrina Espírita*.

Com o roustanguismo o caso é diferente. Para o justificar melhor ainda que no original, a F. E. B. não trepidou em alterar certas passagens da Bíblia, fazendo uma tradução em desacordo com o original e, pois, fugindo duplamente à verdade, num tremendo esforço de engodar a massa dos *crentes*, para explorar a sua simplicidade, a sua boa fé, a sua capacidade de pagar para ser ludibriada e depois escarnecida pela injusta, ilógica e odiosa divisão do sr. Gomes Braga.

No fundo o roustanguismo não passa de uma deformidade, explicável pela falta de estudo rigoroso da doutrina, pela permanência do orgulho e da vaidade, que levam o indivíduo a confundir suas próprias ideias com a verdade e seu autoritarismo com a lei de Deus.

Se os roustanguistas fossem lógicos, ante a divisão que o sr. Gomes Braga estabelece na tese em apreço, só lhes restava uma saída: a porta da rua, e a entrega da Federação Espírita Brasileira, isto é, seu património moral e material aos legítimos donos, esses crentes sem ilustração e sem talento, mas que nunca venderam gato por

lebre, nunca falsearam a verdade, e, se pouco conheciam a Bíblia, sabiam, entretanto, que toda a lei e os profetas estavam resumidos em "*amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*;" sabiam que não bastava não fazer aos outros aquilo que não queriam que lhes fosse feito, mas, principalmente, que deviam exercer a caridade activa, fazendo aos outros como queriam que os outros lhes fizessem.

Por todas essas coisas a F. E. B. se deve sentir sem força moral para ser aquilo que diz o seu nome: *federação espírita*. Podem os seus generais fazer o que fizeram: não passarão, com as suas *filiais*, de pequenos *quistos do erro e da treva*, uma espécie de câncer, a sacrificar a vida da verdadeira colectividade espírita, a travar-lhe os movimentos e as realizações em plano social.

Só o esquecimento, para não dizer a ignorância, da obra de Kardec, no seu tríplice aspecto — científico, filosófico e religioso — poderia levar alguém a querer applicá-la exclusivamente aos crentes. Isto seria paradoxal.

As ciências experimentais permitiram, nestes últimos tempos, um grande avanço nos conhecimentos gerais da humanidade. Mas o trabalho de Kardec já foi feito com critério científico, sob bases experimentais, levando a generalizações e, pois, a uma filosofia, enquanto que o de Rous-

taing não passou de uma grossa mistificação, dada por uma falange de espíritos inverazes, conquanto de alguma ilustração. Isto foi feito através de um médium único — o que contraria os métodos científicos applicados aos trabalhos experimentais ou de observação. Logo de saída teve a repulsa do médium: a sra. Collignon não aceitava as mensagens que recebia para o sr. Roustaing. Isto prova que o espírito daquela senhora não se afinava com os embusteiros; que a sua mediunidade estava desenvolvida a ponto de saber distinguir as entidades comunicantes; que, apesar desse misterioso domínio que sobre ela exerceram Roustaing e a *falange da mentira* (o que nos leva a pensar na variedade de tipos de provas a que um Espírito encarnado pode ser submetido), o seu espírito reagia, no propósito de evitar que o embuste pudesse vir a fanatizar criaturas de boa vontade e empolgá-las ao ponto em que se acham, empolgadas, seduzidas, incapazes de raciocínios estritamente lógicos, como acontece com a plêiade dos nossos confrades da F.E.B. Este trabalho de Roustaing, cheio de incongruências, em desacordo com as mais autorizadas escolas de estudos bíblicos, quer do ponto de vista filosófico, quer teológico, nunca teve a menor repercursão nos grandes meios espíritas, como por exemplo, na Inglaterra e nos Estados Unidos, a despeito do sr.

Roustaing haver feito uma edição de sua obra, tristemente célebre, em língua inglesa, graças a sua fortuna pessoal e não aos reclamos do público e ao empolgação de suas pseudo-verdades.

* * *

Passemos à última tese.

Diz o sr. Gomes Braga que *“está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec, e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo”*.

Vamos devagar.

Se tomarmos isoladamente a primeira parte da tese — *está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus*, — e a analisarmos a luz da doutrina dos espíritos, ditada em vários centros de diversos países, em datas diferentes e através de médiuns que se não conheciam; por outras palavras, se a explicarmos conforme mensagens medianímicas das quais se excluem a mistificação, a sugestão mental e o animismo, isto é, se sintetizarmos a teoria kardeciana sobre o corpo de Jesus, chegaremos ao seguinte: Jesus nasceu como qualquer criatura humana; seu corpo era constituído de matéria semelhante ao dos nossos corpos; se mais plástica, mais equilibrada, diga-

mos, mesmo, mais submissa e educada, era porque seu Espírito representava o mais alto padrão e, como tal, exercia um domínio absoluto, ou quase absoluto, sobre a matéria. Assim foi até a sua morte.

Depois da ressurreição já era diferente. Demonstraram-no as circunstâncias de não ter sido reconhecido pelas mulheres junto ao sepulcro; pelos apóstolos, no caminho de Emaús; nas poucas e fugazes aparições no recinto fechado onde estavam apóstolos e discípulos; na maneira de seu desaparecimento final. Aí, sem: seu corpo era fluídico; antes não.

Esta explicação confirma tudo quanto se acha no Velho Testamento em relação à vinda do Messias, isto é, como profecias referentes ao seu nascimento em certo lugar, em determinada época, no seio de uma família do ramo de David.

Os Judeus seus contemporâneos o sabiam e o confundiram com João Baptista; depois da negativa deste, interrogaram o próprio Mestre, cujas palavras veladas confirmaram as profecias. A explicação também confirma tudo quanto se lê no Novo Testamento, desde os Evangelhos até os Actos e algumas Epístolas.

Se, pois, os roustainguistas lessem a Bíblia atentamente e sem espírito preconcebido, converter-se-iam à Verdade. A tese do sr. Gomes Braga, já discutida no quinto artigo, de que “as

três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício” é, pois, perfeitamente certa, menos no final, quando diz que “a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto”.

E porque?

Porque Roustaing, levado pelos tais espíritos, atacou uma parte daquele edifício, substituindo as verdades ali contidas por uma série de mentiras, entremeiadas de verdades, para as mascarar. Sua obra está em contradição com o Velho Testamento, com a boa lógica e com a concordância universal dos ensinamentos dados pelo Espiritismo.

Este duplo aspecto do corpo de Jesus, antes e depois da ressurreição, é aceito pela Igreja Anglicana, a qual representa a mais respeitável escola de teologia protestante em nossos dias. Não há muito ela declarou aceitar a manifestação dos espíritos. Pois bem: antes disso, e, relativamente ao corpo de Jesus, seu ponto de vista estava expresso no trecho que damos a seguir.

Na *Red Letter Edition* da *Authorized King James Version*, a que nos referimos no primeiro artigo, existe em apenso, entre outras coisas notáveis, um *Condensed Bible Commentary and Difficult Bible Questions Answered* (Comentário Resumido da Bíblia e Resposta a Perguntas Di-

fíceis); à página 9, segunda coluna, lê-se: “*What became of Elijah’s body?*”

“*The bodies of Elijah and Enoch were doubtless changed or transformed as Paul describes in I Cor. 15:51,52 — the verses immediately following the wellknown passage, that flesh cannot inherit the kingdom. They were changed into spiritualized bodies like in some degree that with which Christ rose from dead. His resurrection body seemed to be made of flesh, but it was clearly different from that which he possessed before his death. All the redeemed, the saints who have died before Christ’s coming and those who are alive when he comes, are promised these new “celestial” bodies for the heavenly life. These are the views of commentators who have discussed the subject.*”

Traduzindo:

“Que foi o que aconteceu ao corpo de Elias?

“Os corpos de Elias e de Enoch sem dúvida foram mudados ou transformados, como descreve Paulo em I Cor. 15:51,52 — versículos que se seguem imediatamente à conhecida passagem, que a carne não pode herdar o reino. Foram mudados em corpos espiritualizados, como, de certo modo, aquele com o qual o Cristo se ergueu de entre os mortos. O corpo de sua ressurreição parecia feito de carne, mas era claramente dife-

rente do que possuía antes de sua morte. A todos os redimidos, aos santos que morreram antes da vinda do Cristo e aos que estiverem vivos quando ele vier são prometidos novos corpos "celestiais" para a vida celeste. São estes os pontos de vista dos comentadores que discutiram a matéria."

O grifo é nosso.

Veja-se como os protestantes, que não admitem as aparições de Espíritos, que não compreendem se fale em fantasmas e agêneres; que até agora não saíram de uma grande confusão, motivada pelo emprego indiscriminado, na Bíblia, dos vocábulos *espírito*, *Senhor* e *Deus*; que levaram sua repulsa ao ponto de não admitirem certos livros da Bíblia, considerados não canónicos, entre os quais o de Tobias, que é toda uma longa história de um espírito materializado; veja-se como os protestantes, íamos dizendo, tiveram, em relação ao corpo de Jesus, a compreensão clara dos factos, e lhe deram uma interpretação em harmonia com as Escrituras!

Mas o snobismo roustanguista quís ser original e, julgando dizer novidade, foi ressurgir velha e desmoralizada teoria, que o iluminado de Patmos denunciara com tanta clareza, precisão e sobriedade.

Em artigo anterior transcrevemos as passagens de Kardec relativas aos agêneres, pelas quais

se vê que o Codificador foi sistematicamente hostil à teoria do corpo fluídico de Jesus. Reptámos o sr. Gomes Braga a exhibir os escritos em que, diz s.s., Kardec apoiou a teoria de Roustaing, mas até agora eles não apareceram, pela razão muito simples e bastante de que Kardec não os escreveu, nem como homem nem como Espírito.

Quanto às *numerosas comunicações* a que se refere o sr. Braga, são em geral desconhecidas. Sabem-se-lhes apenas as referências: teriam sido dadas a Francisco Cândido Xavier e a duas senhoras, médiuns oficiais da F.E.B.: Zilda Gama e América Delgado.

Através de Xavier é conhecido o trecho de uma obra ditada pelo Espírito de Humberto de Campos. Pode ser legítima opinião desse Espírito, mas também pode ser uma adulteração, de vez que já ficou provado publicamente que, ao reeditar outra obra recebida através daquele médium, a F.E.B. alterou certa passagem, afeiçoando-a aos princípios roustanguistas. E' facto do domínio público, como o é que a F.E.B. não teve defesa.

Deste jeito, quaisquer outras mensagens de Chico Xavier, publicadas pela F.E.B. afirmando os princípios roustanguistas, são sempre suspeitas... E sem que isso diminua o médium.

Aquelas duas senhoras eram médiuns da casa, do mesmo grupo, sujeitas às mesmas influências. O ensino dado pelos Espíritos a Allan Kardec nos diz da desvalia de tais comunicações — desde que não tenham o prestígio da concórdia universal e quando se não acomodem à lógica, ao bom-senso, à moral e a documentação histórica; numa palavra: a unicidade de pontos de vista, em âmbito universal.

E porque?

Porque o médium que trabalha isoladamente, ou num centro único, pode estar sob a acção de um mistificador, que varia suas vibrações, para modificar a maneira de sentir do médium; deste jeito, apresenta-se com linguagem diversa e vários nomes, para que um disfarce confirme e prestigie o outro; pode ainda estar sob a acção de uma falange, que age de plano, em jogo combinado. O mesmo se dá nos centros, com mais de um médium: podem estar todos sob o domínio de um só Espírito ou de uma falange, que age como no caso do médium isolado, aplicando ao conjunto aquelas mesmas formas de acção.

E não é tudo. Kardec não teve tempo de entrar em maiores minúcias, que só mais tarde foram conhecidas.

Tudo quanto ele disse sobre o caso, e que damos acima resumidamente, porque já o dissemos *in extenso* em artigo anterior, pode ser

praticado por um Espírito encarnado — o do próprio médium.

Em circunstâncias especiais pode o médium chegar a um certo grau de exteriorização parcial — e mesmo total — de seu Espírito, re-adquirir o domínio sobre conhecimentos latentes, que não revela em estado normal, e ser tomado como uma entidade independente. Em tais casos pode mesmo ser visto com forma diversa da de seu corpo somático actual e, assim, levar os videntes que o observem a tomá-lo como outra entidade.

Neste estado revelam grandes conhecimentos, dominam mesmo uma assembleia e criam uma grande receptividade para o que dizem e fazem. A assistência, geralmente a mesma, cria as condições psicológicas e magnéticas do ambiente para a reiteração do fenómeno. A falta de estudo acurado do assunto pela massa dos Espíritos desacredita, em geral, as tentativas de elucidação científica do caso.

Neste particular conhecemos actualmente dois casos típicos: uma senhora, muito honesta, cristã, caridosa, humilde, dedicada à doutrina; está convencida que recebe o Espírito de ilustrado clínico; e faz diagnósticos mais ou menos certos, indica remédios, com os quais obtém curas ou melhoras acentuadas; dá passes com magnífico proveito para os beneficiários, seja por sugestão,

seja pelo mesmo efeito magnético de seus fluidos. O outro é um senhor, médium de incorporação; recebe espíritos de várias categorias; mas em certas condições exterioriza-se, seu Espírito volta ao passado, recupera e revela grandes conhecimentos e se exprime em magnífica forma de orador. Inconsciente do facto, não se inculca este ou aquele Espírito: o público é que se encarrega de lhe atribuir um nome — que é, sempre, o de uma grande figura passada do Espiritismo.

Nosso ponto de vista é que o sr. Roustaing foi enganado. Sem a experiência necessária, seu entusiasmo, quiçá mesmo as falhas tão comuns na ordenação de conhecimentos das pessoas de muita ilustração; sua direcção, no culto das letras jurídicas, naquele tempo, mais do que hoje, desinteressadas nas ciências experimentais ou, ao menos, nos trabalhos práticos de laboratório que, principalmente eles, dão acuidade e intuição, de par com o indispensável alheiamto do fenómeno, a ponto de, no sentido de orientar pesquisas e formular hipóteses provisórias, que são prontamente abandonadas, desde que os primeiros resultados não se acomodem às grandes verdades e aos princípios firmados pelo geral consenso científico; tudo contribuiu para que o ilustrado advogado de Bordeus se empolgasse, se fanatizasse — ele que era um neófito, que apenas havia lido meia duzia

de obras sobre espiritismo e desconhecia o seu lado experimental, — a ponto de pôr de lado a repugnância do próprio médium pelo conteúdo das mensagens.

Na verdade aquilo era um ovo de Colombo: não haveria mais mistérios, não haveria mais milagres; os dogmas caíam, todos, ante esta simples explicação — um corpo fluídico!

A vaidade incontida, o orgulho insopitado foram nele maiores que o seu poder de análise, que o domínio de si mesmo. E perdeu-se.

Imagino-o hoje como Espírito lúcido, altamente consciente de seu erro, assistindo a multiplicação de suas funestas consequências, por dezenas e centenas de pessoas, graças à repetição, num pequeno núcleo, das mesmíssimas circunstâncias em que um dia se achou, empolgado por uma falange vaticânica, que tudo tem feito, e tudo fará, para destruir, para desmoralizar o Espiritismo.

E como lhe deve doer a antevisão de sua responsabilidade kármica! Como deve sofrer nesse castigo atroz de não poder chegar aos núcleos que o tomam por patrono, e dizer, através dos médiuns: “Vocês estão errados e por minha culpa; essa dedicação de vocês, esse empolgamento, esse fanatismo, essas inverdades são o meu inferno. E vocês não me escutam; vocês não me aliviam; vocês...”

Não poderia acabar: o director dos trabalhos o enxotaria como a um miserável mistificador.

Kardec deixou uma obra, se não acabada, ao menos com os alicerces feitos, com a infraestrutura definida. Nestas nove décadas que decorrem desde o seu aparecimento codificado, muito tem evoluído o Espiritismo. Mas ainda não foi necessário alterar nenhum ponto, sobre o qual ele houvesse emitido opinião. Muito se avançou no conhecimento de detalhes: nunca, porém, se constatou a menor necessidade de substituir uma viga, isto é, de mudar um conceito.

Assim, uma obra tão sólida não necessita ser consolidada por um trabalho a que falta base científica, falta lógica, falta esse apoio universal dos próprios Espíritos que, *urbe et orbe*, espalharam o imenso material com o qual a doutrina foi codificada no seu tríplice aspecto. A verdade não necessita da mentira para se consolidar.

Esta segunda parte da tese do sr. Gomes Braga, pelo visto, é uma cavilação, como o é a parte final, que diz ficarem assim "*confirmados o Cristianismo e o Judaísmo*."

Perdoe-nos o sr. Gomes Braga, perdoe-nos o público. O melhor comentário à afirmação de que era necessária a obra de Roustaing para confirmar a obra de Jesus Cristo é... o silêncio.

VII

FECHEMOS esta série de artigos de análise do livro do sr. Ismael Gomes Braga e patenteemos o sentido do roustaingismo.

Nesta análise por vezes fomos aspero, dessa aspereza chocante mas necessária nos ambientes espíritas. Mercê de Deus, entretanto, jamais nos afastámos daquela recomendação de Kardec: *dis-cutir sem disputar*. Nunca deixámos de citar fielmente as fontes; nunca faltámos com o respeito à lógica, aos factos, à verdade. Se, de passagem, fizemos referências a pessoas, vivas ou mortas, jamais ferimos condições personalíssimas. E' que essas criaturas estavam ligadas à projecção social de acontecimentos que interessam à gente espírita de modo muito particular.

Tomaram os espíritas como *slogan* número um o título de uma obra ditada pelo Espírito de Humberto de Campos: *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Meditem os leitores sobre o conceito aí contido. E' possível que o Espírito tenha lá as suas razões. Mas como? Quando?

Os factos são estes: somos vanguardeiros na fila dos países de analfabetos; esquecemos que a

leitura é necessidade fundamental para a evolução do Espírito; as estatísticas mostram elevadíssimo percentual de mortalidade infantil, traduzindo condições de vida muito abaixo dos padrões mínimos exigidos pela dignidade humana; a tuberculose, que os médicos, a despeito do bacilo, chamam doença social ou moléstia de carência, eufemismos sinónimos de *fome permanente*, faz larga devastação nas classes médias e inferiores. Deixemos de lado quaisquer referências àquilo que não atinja directamente o elemento humano e citemos, ainda, para edificação dos dirigentes espíritas, o facto de haverem cientistas de Manguinhos, de parceria com os da Rockefeller Foundation, constatado, no vale amazónico, largas faixas onde o teor de glóbulos vermelhos no sangue dos habitantes não vai além dos 35% da taxa normal o que, por seu carácter generalizado, atraiu a atenção para outros aspectos da vida rudimentaríssima daqueles nossos irmãos.

Aproximemos esses factos de uma frase corrente no país: *Para inglês ver*. E' a orientação que costumamos imprimir às nossas coisas e, parece, a isto se não forram os espíritas. Aquele belo dístico *Pro Brasilia fiant eximia* continua sendo dourada mentira: a razão estará ainda, e por muito tempo, com Euclides da Cunha, quando fala de uma civilização importada, sem raízes

na terra, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico. Tudo isto nos lembra a piada do incorrigível Emílio de Menezes: "*O Brasil começa no Cais Pharoux e acaba em Cascadura.*"

Mas um Espírito disse... então é dogma.

* * *

Nós daqui de São Paulo, tenhamos nascido em Piratininga, nas coxilhas gaúchas ou nos adustas planícies nordestinas, vemos o Brasil no seu todo, horizontal e verticalmente. E transportando esse modo de ver para o terreno da doutrina espírita, temos a noção exacta das tarefas assina-das aos espíritas do Brasil. Por isso dissentimos da opinião de ilustrado engenheiro, director de um órgão da imprensa espírita carioca, de que nos Estados não se encontram espíritas com capacidade para constituir um organismo legislativo para a direcção nacional do Espiritismo. Discordamos de s.s. porque essa fobia ao provincianismo, desmentida pelas realizações no terreno social, no Rio Grande, no Paraná e em São Paulo, para citar apenas as mais importantes, é um sentimento anti-cristão e uma demonstração inconcussa da hipertrofia do Eu; é um complexo com forma endêmica na direcção da Casa da Avenida Passos.

Porque temos essa visão de conjunto, nós de São Paulo promovemos, vai para um ano, um congresso espírita ao qual foram presentes, na Pauliceia, representantes de dezesseis estados brasileiros, a despeito da campanha deselegante, feita na sombra, pela Federação Espírita Brasileira, previamente convidada para assumir a sua direcção. Agora, ante os resultados da U.S.E. (União Social Espírita), a ex-casa de Ismael resolveu, noutro gesto deselegante, criar um organismo para gerar confusão, imitando o nome e a sigla daquelle: A.S.E. (Acção Social Espírita).

Por que motivos assim procede?

Ensina Kardec que a doutrina, por sua mora! fundamentalmente cristã, tem a dupla tarefa de esclarecer e reformar os indivíduos e de transformar a estrutura social por um processo evolutivo e paulatino, estabelecendo *uma sociedade verdadeiramente cristã* e não *uma sociedade cristã para inglês ver*. Assim sendo, cabe-lhe o dever de criar as condições psicológicas capazes de unir para fortificar e não as que separam para enfraquecer.

Que a F.E.B. não quer unir está visto na sua ojeriza aos congressos e no facto de excluir do direito de participar de sua direcção os *espíritas kardecistas*, isto é, aqueles que não aceitam as teorias de Roustaing (Estatutos da F.E.B., Art. 2.º, letra a e Art. 36.º, § 3.º).

Para que seja realizada a tarefa de esclarecimento dos indivíduos é óbvia a necessidade de se lhes darem os meios.

Quais os que a F.E.B. oferece?

Já os temos compendiado: I — num país iletrado, um número de obras em esperanto quase três vezes o das que oferece em português; II — uma revista obsoleta, insuficiente e sem plano educativo ou ordenação de conhecimentos, mas referta de publicidade de obras não fundamentais para a realização de tarefas, individuais e colectivas, da doutrina e, até, de outras a ela prejudiciais; III — incapacidade de atrair as camadas mais cultas da sociedade, pondo-lhes ao alcance as obras das grandes figuras estrangeiras, ou das que contribuíram para o avanço dos estudos científicos do Espiritismo e da Metapsíquica; ao contrário, mutilando algumas dessas obras em raras traduções e adquirindo os direitos de tradução de outras para os engavetar; IV — adulterando as obras de Kardec, desde que o público não as pode cotejar com o original; V — forjando volumes que Kardec não escreveu, como a “Doutrina Espírita”, para aí enxertar a propaganda do roustanguismo; VI — expulsando de seu seio as sociedades que, não sendo roustanguistas, participaram, sem o seu consentimento, de congressos espíritas; VII — estropiando os textos bíblicos nas obras de Kardec,

para gerar confusão e nas de Roustaing, para criar base lógica à argumentação; VIII — alterando texto de obras mediúnicas, como fez com uma ditada ao médium Francisco Cândido Xavier, para afeiçoá-la à tese roustainguista.

Ora, estes processos são desmoralizantes. E é o caso de lembrar aos directores da F.E.B. que os kardecistas, ainda quando ao par de todas estas coisas, não esqueceram a parábola do filho pródigo e são capazes de a pôr em prática. Tudo dependeria de querer esse filho pródigo voltar à casa paterna.

Mas fora preciso que compreendesse o sentido do roustainguismo. E corrigindo-se, corrigisse aquela instituição todas as falhas de que é justamente acusada.

Entretanto não é de esperar que o façam os seus directores. E não o fazem porque não podem ou não querem compreender que são vítimas da mais solerte, pertinaz e organizada, ao mesmo tempo paciente, complexa e poderosa falange de Espíritos que se possa imaginar: a falange vaticânica.

Fazer a história minuciosa da F.E.B. é rashear o trabalho dessa falange. E sua acção tornou-se possível porque, encontrando as brechas, que são as falhas humanas, não esbarrou com aquele espírito crítico de que Kardec deu exem-

plo e advertência nas reiteradas recomendações que nos legou. Alí faltou, também, conhecimento seguro dos Evangelhos e escritos complementares.

* * *

E' praxe nas sociedades espíritas aceitar tudo quanto lhes é dito, por Espíritos e por conferencistas e doutrinadores. Esquecem que, sendo o homem um Espírito encarnado e o Espírito um homem desencarnado, são dois aspectos da mesma coisa. Consequentemente, se há Espíritos que sabem mais do que nós, há homens que sabem mais que muitos Espíritos. Como não há análise das comunicações, esses Espíritos de falange se vão insinuando: dizem verdades, para captar o respeito, fazem diagnósticos e indicam medicação certa, para conquistar a estima. Mas quando dominaram o terreno agem de maneira multiforme no sentido de desmoralizar a doutrina, pelo rebaixamento de seu nível e pela derrocada de suas sociedades.

Para esses Espíritos todas as armas são boas, desde que produzam os resultados que objectivam. Têm conhecimentos variados, contam com muitos especialistas nos múltiplos sectores do saber. Por isso não recuam ante nenhum obstáculo, inclusive o da utilização da magia negra, isto é, o do emprego do trabalho mediúnico para

fins maléficos. Exercitam uma acção violenta sobre os médiuns, já transformando a sua psique, já produzindo uma concentração de fluidos em determinados pontos do organismo perispiritual dos pacientes, a qual evolui e acaba por atingir certas glândulas, determinando um comprometimento endócrino e, por vezes até, o aparecimento de lesões orgânicas mais ou menos devastadoras, quando não o de neoplasias, algumas das quais irremediáveis, já por sua localização, já por sua própria malignidade.

De todos esses trabalhos o pior é aquele que se projecta sobre as mentes, porque compromete a mesma liberdade do Eu superior. Afeiçoando-as a seus pontos de vista, aqueles obsessores tornam as criaturas sistemáticas, intolerantes, ilógicas e autoritárias e as arrastam a tomar as próprias ideais por verdades primeiras e os seus raciocínios como lógica infrangível.

São Espíritos deste quilate que procuram sustentar aquelas ideias cuja primeira vítima, nos tempos modernos, foi o próprio Roustaing.

O advogado francês não podia ignorar a posição de Kardec, como médico e como cientista; não podia desconhecer a projecção de sua obra. E conhecendo esta obra, deveria avaliar da segurança com que o Codificador tratava um assunto,

velho como a humanidade, revestindo-o de feições novas e lhe dando uma explicação concêntrica com os últimos postulados da ciência.

Ora, até hoje nenhum espírito equilibrado quis infirmar a Bília ou nela introduzir modificações, riscar passagens e torcer frases e, por cima de tudo, pretender a aceitação de tais deformações. Há trabalhos notáveis de filologia e de crítica histórica que permitem fixar as datas de tais ou quais livros que a compõem; é possível, mesmo rastrear algumas interpolações.

Modificações assim fizeram-nas alguns padres católicos, de maneira discreta, do mesmo passo que subtraem a Bíblia aos profitentes de sua religião. E o fizeram para que os textos modificados servissem de apoio a este ou aquele dogma.

Roustaing foi mais ousado, porque mais inconsciente; e mais inconsciente, a despeito de sua ilustração, porque vítima de uma obsessão: a de ser o messias da terceira revelação. Já o demonstra o título da obra: *Revelação da Revelação*.

Para que alguém, com o perfeito senso da magnitude da tarefa, se abalançasse a corrigir a *Bíblia valendo-se do ensino dos Espíritos*, fora mister tomar as seguintes precauções:

I — controlar as entidades comunicantes por meio de clarividentes bem desenvolvidos e de absoluta fidelidade;

II — criticar as mensagens, máxime nas passagens que ferirem a concordância com os textos bíblicos;

III — exigir argumentos dos próprios Espíritos, os quais deveriam apoiar-se, também, nos conhecimentos linguísticos, sobretudo nos trechos em que suas mensagens divergem dos códices;

IV — fazer a crítica das afirmações dos Espíritos à luz das conclusões a que já chegaram grupos especializados em assuntos bíblicos;

V — exigir elementos de identificação dos Espíritos comunicantes;

IV — depois de severa análise, discutir a matéria com os autores das mensagens;

VII — exigir que as mensagens sejam comunicadas igualmente em outros meios desconhecidos, aos quais seriam dados pelos Espíritos elementos para o estabelecimento de intercomunicação, a fim de que se possa verificar a concordância universal.

A Bíblia é monumento tão vetusto, original e prestigioso que qualquer tentativa, por mais honesta que seja, de lhe alterar uma vírgula, exige

estas canseiras, estes cuidados, estes critérios científicos que faltam na obra de Roustaing. Os roustinguistas precisam compreender que uma tradição de dezenove séculos, como é o Novo Testamento, não se destroi com uma simples e leviana afirmação não provada de um Espírito.

No seu livro "*A Bem da Verdade*", que encerra os artigos de célebre polémica, o dr. Henrique Andrade deixou claro que os roustinguistas da F.E.B. traduziram o triste livro alterando certas passagens com o fito de melhor encadear o raciocínio, baseando este em versículos bíblicos que também foram adulterados, coisa que não fez nem o próprio Roustaing.

A falange que age no Rio é mesmo pertinaz. Há muitos anos que trabalha para inutilizar a obra de Allan Kardec. Isto vem do tempo de uma sociedade que depois, fundindo-se com outra, originou a F.E.B.: *A Sociedade Academica Deus, Christo e Caridade*." Esta fez as nossas primeiras traduções de Kardec para o vernáculo. Pois naqueles tempos, aí por 1880 já os roustinguistas queriam alterar a obra do Codificador, como se vê na primeira edição de *A Génese*, por influência dos *Quatro Evangelhos* de Roustaing. A edição é de 1882 e tal confissão vem na introdução; entretanto diz que foi decidido "*como prova de homenagem ao seu colleccionador, nosso Mestre,*

Allan Kardec, *conserval-as com o cunho que elle imprimio-lhes*". E acrescenta: A Sociedade Académica julga que não lhe assiste, como a ninguém, o direito de alterar o plano e menos ainda as bases fundamentaes, as theorias, a doutrina das obras publicadas pelo nosso Mestre; não só por lhe parecer isso uma profanação, por serem um legado precioso, pois que por ellas conhecemos a verdade, se nos fez a luz; mas ainda, porque não ha lei alguma conhecida que justifique tal procedimento; e, si tal lei existisse, seria barbara, despotica, vandalica, porque seria a annulação da propriedade, seria a negação do direito."

Aquela velha gente podia equivocar-se, mas tinha gestos elegantes como este de fechar a introdução com uma mensagem do Espírito do próprio Allan Kardec, dada na sociedade, focalizando a questão: "Sim" diz Kardec, "porque ainda que qualquer ideia, das ahí colleccionadas, tivesse de sofrer qualquer retoque ou modificação, seria trabalho reservado para uma obra especial, cuja leitura, sendo boa para aquelles que já conhecem profundamente a Sciencia Spirita, não convem áquelles que apenas comêçam: porque não estando preparados, teriam de fazer passar bruscamente por uma inversão todas as ideias arraigadas em seus cerebro, o que é contrário ás leis naturaes, e por isso inconveniente."

"Não defendo a obra que colleccionei, mas o melhor systema de, com methodo, lenta e suavemente, preparar aquelles que devem conhecer o que de mais elevado poderia se apresentar á concepção humana."

Estas palavras criteriosas estão longe de significar uma adesão de Allan Kardec ao roustainguismo. Este não passa de um equívoco que deve ser destruído elegantemente, segundo os postulados da doutrina espírita cristã, sintetizado no pensamento agostiniano: abraçar os homens mas profligar os seus erros.

* * *

Um paralelo entre os trabalhos de Kardec e de Roustaing mostra o seguinte:

- a) Kardec seguiu critérios científicos; Roustaing, não;
- b) as afirmações fundamentais de Kardec têm concordância universal; as de Roustaing, não;
- c) Kardec respeitou a ética nas pesquisas e citações; Roustaing e, principalmente, os roustainguistas, não;
- d) Kardec promoveu sempre a discussão, para chegar ao esclarecimento; o roustainguismo foge e proíbe a discussão, para evitar a evidência do erro;

e) Kardec é cristão: respeita os textos evangélicos e promove a união; Roustaing é anticristão: deforma os textos e exclui os kardecistas;

f) a obra de Kardec resiste à lógica, à crítica científica, ao bom senso e à moral; a de Roustaing é ilógica, anti-científica, insensata e imoral, porque infama o carácter de Jesus Cristo;

g) como Espírito, Kardec sustenta a inteireza de sua obra; como Espírito Roustaing confessa o seu erro;

h) os cientistas contemporâneos e posteriores e Kardec que na França, Itália, Alemanha, Rússia, Inglaterra e Estados Unidos, investigaram o Espiritismo, deixaram trabalhos concordantes com a codificação kardeciana; nenhum deles, entretanto, tomou conhecimento do trabalho de Roustaing e qualquer referência indirecta à sua tese central é no sentido de a condenar;

i) a obra de Kardec conduz à emancipação do dogmatismo e do ritual religioso; a de Roustaing submete o indivíduo aos dogmas e distroi a função social da doutrina espírita, que é essa mesma libertação, de que é exemplo a mariolatria dos roustaingistas.

* * *

Encerremos este trabalho.

Sabiam os judeus, que estudaram *a lei e os profetas*, bem como os saduceus, que se haviam

apoderado do Templo e punham em leilão o cargo de sumo-sacerdote, transformando a religião em mercantilismo e a autoridade religiosa em privilégio oligárquico de uma família, como se verifica ao tempo da pregação e do sacrifício de Jesus Cristo, que era chegado o instante profetizado para a vinda do Messias. Por palavras e actos Jesus mostrou-se hostil a entendimentos que confundiam interesses religiosos com situações políticas, fosse de conchavo com as autoridades, fosse de chefia de uma rebelião, como pretendente ao trono judaico, para sacudir a dominação romana. Por isso o sacrificaram. Vendo, porém, o desenvolvimento posterior do cristianismo, apesar de não expurgado da herança do judaísmo; vendo que apóstolos e discípulos faziam largo proselitismo entre judeus e estranhos, temeram os rabinos por seus interesses materiais de exploradores do Templo.

Precisavam desacreditar os cristãos e justificar o seu crime.

Ora, os judeus e cristãos conheciam os fenómenos espíritas, de que o Velho Testamento estava referto; estavam na memória de todos os acontecimentos da Pentecoste, que não passara de uma grande manifestação colectiva de mediunidade; ademais, sabiam os judeus que os primeiros cristãos praticavam a mediunidade. E pro-

curaram tirar partido desse facto, soprando que Jesus Cristo fora apenas um espírito materializado, desses que Kardec chama de *agêneres*.

Daí as duas epístolas de João, o evangelista, apóstolo da predileção de Jesus, sem dúvida por ser o mais arguto, o mais evoluido, o mais receptivo, o mais capaz de grandes sínteses, como bem o demonstrou no seu *Evangelho filosófico* e no *Apocalipse*. João foi a sentinela: deu o grito nas passagens daquelas epístolas, citadas no nosso primeiro artigo (I João, 4: 1-3 e 6; II João, 7) cuja repercussão encontramos nas epístolas de Pedro e de Paulo.

Por que assim procediam os judeus?

Porque se Jesus tivesse sido um espírito materializado não teria sido o Messias, porque não corresponderia às profecias. Não sendo o Messias, era um embusteiro. Continuariam os judeus absolvidos e gratificados por sua eliminação, pela consolidação de seu prestígio, do mesmo passo que essa primeira heresia prestava o serviço de desmoralizar o ensino do Nazareno, transmitido por seus apóstolos e discípulos.

Com o correr dos tempos abastardou-se o cristianismo, ante a pressão das coisas materiais, contacto com os políticos, proximidade do poder, tentação do conforto e do mandonismo. Paralelamente agiam outras forças subteis: o sincre-

tismo religioso, marcante na liturgia, no ritual, nas práticas externas do culto, já então *católico*, menos por força da generalização de um conceito filosófico, do que por um imperativo político de religião oficial de um império que dominava o mundo. Na verdade todo o ritual católico, nos seus mínimos detalhes, é tirado daqui e dali, dos rituais das várias religiões que se encontravam, vivas, mortas ou agonizantes, dentro do próprio império.

Os dirigentes católicos herdaram, do lado romano, esse espírito de dominação e do lado rabínico, a capacidade de mercantilismo com as coisas religiosas.

Ora, para um como para o outro desses aspectos era prejudicial a prática da mediunidade. Os médiuns viriam a ser para a hierarquia sacerdotal aquilo que para o rabinismo haviam sido os profetas — um agulhão ou uma chibata. E simplesmente aboliram a mediunidade: por todos os processos, inclusive pelas torturas e pelas fogueiras.

Passando para a vida de além-túmulo essas figuras destacadas do clero observavam os médiuns. E, ou os afeiçoavam ao seu serviço ou os obsidiavam e enlouqueciam, para que não viessem prestar serviços esclarecedores e, consequentemente, contrários aos interesses materiais da

Igreja Romana. Pode bem ver-se esse efeito das falanges vaticânicas na acção exercida nos ambientes reformados, onde se acredita, *ao pé da letra*, que as almas imateriais se salvam por meio de um banho no sangue material de Jesus, coisa que, além de paradoxal é imoral, por ser a justificação de um crime. Igualmente se o vê na crença protestante no Espírito Santo, isto é, nos bons Espíritos e na sua evocação, quando, entretanto, recusam a mediunidade, recusam o *baptismo no fogo do espírito* e discordam dos Pentecostais, assim como estes dos Espíritas.

Quando chegou o momento de se realizarem as promessas do Cristo, isto é, da vinda do Consolador, representado na doutrina espírita, aquelas falanges vaticânicas, não podendo abrir brecha na textura moral e na inteireza intelectual de Allan Kardec, procuraram agir em paralelo: escolheram um afigura de destaque, de mediunidade subtil, intuitiva e de inspiração, avassalaram um médium feminino para o serviço do primeiro, posto essa senhora lhes não aceitasse as mensagens, e restauraram a velha e desmoralizada heresia do corpo fluídico de Jesus, que se prestava admiravelmente para sustentar dois grandes dogmas católicos: o da Santíssima Trindade e o da Imaculada Conceição.

Define-se a situação na prática, que é a seguinte:

I — nos centros roustanguistas a acção das falanges tolhe o desenvolvimento das grandes tarefas sociais, porque isto seria detrimental ao catolicismo; II — nos centros onde a falsa compreensão de tolerância mistura kardecismo e roustanguismo, dá-se um choque de correntes de Espíritos, manifesto nas dissensões internas, que atrofiam os médiuns, anquilosam as sociedades, quando não as esfacelam; III — nos centros puramente kardecistas onde, em geral, não há estudo largo e profundo do assunto, são frequentes as crises, devidas ao trabalho de falanges; e, mesmo quando se constata que são falanges de padres, a falta de conhecimento panorâmico da matéria tira aos dirigentes o poder de domínio sobre aquelas, por isso que ignoram as causas profundas que as impelem.

Observe-se que nem sempre é seguro o controle através dos videntes. Em geral estes não se acham suficientemente instruídos; assim não sabem estabelecer a diferença entre: a — manifestações de animismo do próprio médium; b — manifestações de Espírito encarnado, cujo corpo somático esteja no ambiente ou fora dele; c — apresentação de uma ideoplastia por um mistifi-

cador, que maneja os fluidos ambientes e naquela se mascara; d — manifestação de um Espírito veraz. Entretanto não seria difícil explicar essas diferenças de imagens astrais, noticiadas pelos videntes, com o fito de assegurar o controle das manifestações.

* * *

Se a Federação Espírita Brasileira se sente com vocação para ser uma *federação* espírita brasileira; se a grande maioria dos espíritas brasileiros são kardecistas e desejam a modificação do *statu quo* criado pelos roustainguistas; se estes estão realmente convencidos das excelências de seu cisma, porque não concordam em tirar a limpo aquilo que os kardecistas impugnam?

Para tanto bastaria organizar um grupo seleccionado nas seguintes condições:

I — número igual de kardecistas e roustainguistas, escolhidos entre pessoas de cultura e imbuidas da responsabilidade do trabalho em que irão participar;

II — um grupo de médiuns videntes, previamente submetidos a testes;

III — incorporações ou mensagens psicográficas através de Francisco Cândido Xavier, e de um outro médium, previamente examinado;

IV — evocação dos Espíritos de Ismael, Bezerra de Menezes, Emmanuel, Allan Kardec e Roustaing;

V — aceitação de manifestações espontâneas de outros Espíritos.

Nestas sessões far-se-iam as seguintes perguntas fundamentais, além de outras, decorrentes dos mesmos diálogos:

1 — Quem está com a razão: Kardec negando ou Roustaing afirmando que Jesus Cristo não foi homem?

2 — E' legítima a mensagem atribuída a Roustaing, dado no Rio de Janeiro e publicada na obra "Revelações de Além-Túmulo", psicografada pelo médium sr. Carlos Gomes dos Santos?

3 — E' exacto que o Espírito de Allan Kardec tenha dado apoio à tese do corpo fluídico de Jesus?

4 — E' autêntica a mensagem atribuída a Kardec e publicada pela "Sociedade Academica Deus Christo e Caridade", na introdução à primeira edição brasileira de "A Genese, Os Milagres e As Predições segundo o Spiritismo", no ano de 1882?

5 — Como explicar a contradição entre as declarações de apoio de Kardec à tese roustain-

guista e a mensagem referida na pergunta anterior?

6 — Porque, desde 1882 até hoje não teria sido possível organizar uma obra de desenvolvimento, ampliação e, mesmo, de correção da obra de Kardec, como seria admissível nos termos da citada mensagem?

7 — São verdadeiras ou falsas as afirmações de João Evangelista em duas epístolas contidas na Bíblia, caracterizando como Espírito do Anticristo aquele que nega que Jesus Cristo viveu e sofreu na carne?

Se a F.E.B. está com a verdade é magnífica oportunidade de esclarecer seus opositores, que também são filhos de Deus. Se não o aceitar é que teme a verdade. Restará então aos kardecistas continuar proclamando a verdade com a F.E.B., sem a F.E.B., ou apesar da F.E.B..

Lançaremos em Janeiro:

AS PROFECIAS DE DANIEL E O APOCALIPSE DE S. JOÃO

POR
ISAAC NEWTON

Tradução brasileira de JULIO ABREU FILHO

No mundo científico o nome de Isaac Newton é de sobejo conhecido. Matemático, físico, astrónomo e filósofo, esse filho espiritual de Galileu, que é sem favor considerado como o fundador da física da era pré-atômica, formulou a lei da gravitação universal e lançou os fundamentos da dinâmica. Talento polimórfico, estudou a decomposição da luz, deu enorme desenvolvimento ao cálculo infinitesimal, simultaneamente e sem conhecer os trabalhos de Leibnitz, descobriu o movimento de precessão dos equinócios e inventou o telescópio de reflexão. Seu génio singularíssimo passou por todos os departamentos da actividade humana, nos quais deixou, pelo enunciado de algumas leis fundamentais, um rastro de luz, tanto no campo das matemáticas quanto no das ciências experimentais.

Enunciando que a toda acção corresponde uma reacção igual e contrária e que os corpos se atraem na razão directa das massas e inversa do quadrado das distâncias, dá-nos o exemplo de que estas leis, válidas no campo da Astronomia, são igualmente exactas no mundo moral: ele também sentiu o imenso valor contido na Bíblia e a força prodigiosa do Cristo. Curvou-se sobre a primeira para compreender o segundo e verberar os falsificadores da sua doutrina.

Seu livro OBSERVATIONS UPON THE PROPHECIES OF DANIEL AND THE APOCALIPSE OF ST. JOHN, publicado em 1733, isto é, poucos anos depois de sua morte, é hoje raridade de bibliófilos. Foi dedicado a Lord King, Barão de Ockham, Lord Chanceler da Inglaterra, seu amigo íntimo e com o qual havia feito da Religião um estudo voluntário, em consequência do que mostravam ambos inflexível apego à Verdade e à Virtude.

A tradução feita por Julio Abreu Filho prima pela correcção de linguagem e fidelidade aos textos, bem como às citações da Bíblia.

Dentro, em pouco AS PROFECIAS DE DANIEL E O APOCALIPSE DE SÃO JOÃO serão lançados em grande formato de discreta elegância, constituindo um dos mais preciosos estudos sobre as profecias contidas na Bíblia.

OS EDITORES